



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS TORQUATO NETO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARCIANA ARAÚJO DA SILVA

**ENTRE VERDES CAMPINAS E O CHÃO RACHADO: Um olhar através da
obra *Ataliba, o vaqueiro* sobre a vida sertaneja no Piauí, (1877-1879).**

Teresina
2025

MARCIANA ARAÚJO DA SILVA

**ENTRE VERDES CAMPINAS E O CHÃO RACHADO: Um olhar através da
obra *Ataliba, o vaqueiro* sobre a vida sertaneja no Piauí, (1877-1879).**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
Plena em História da Universidade
Estadual do Piauí, como requisito parcial
para obtenção do título de licenciado em
História.

Orientador (a): Prof. Me. Fábio Nadson Bezerra Mascarenhas

Teresina

2025

S586e Silva, Marciana Araujo da.
Entre verdes campinas e o chão rachado: um olhar através da obra Ataliba, o vaqueiro sobre a vida sertaneja no Piauí, (1877-1879) / Marciana Araujo da Silva. - 2025.
57f.: il.

Monografia (graduação) - Curso de Licenciatura em História, Universidade Estadual do Piauí, 2025.
"Orientador: Profº. Me. Fábio Nadson Bezerra Mascarenhas".

1. Sertanejos. 2. Cultura. 3. Piauí. 4. História Local. I. Mascarenhas, Fábio Nadson Bezerra . II. Título.

CDD 900

“São vivas as cores
das belas flores
do meu sertão!
São vivas as dores
dos teus amores
meu coração!”

(Castelo Branco, 2004, p.31).

MARCIANA ARAUJO DA SILVA

ENTRE VERDES CAMPINAS E O CHÃO RACHADO: Um olhar através da obra *Ataliba, o vaqueiro* sobre a vida sertaneja no Piauí, (1877-1879).

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Piauí, para a obtenção do título de Licenciado em História.

Aprovada em: 01/12/2025.

Nota: 9,0

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Fábio Nadson Bezerra Mascarenhas
Universidade Estadual do Piauí
(Orientador)

Prof. Me. Ernani José Brandão Junior
Universidade Estadual do Piauí
(Examinador)

Prof. Dr. Felipe da Cunha Lopes
Universidade Estadual do Piauí
(Examinador)

AGRADECIMENTOS:

Agradeço primeiramente a Deus pela força que me proporcionou todas as vezes que achei que meu corpo e minha mente não resistiriam ao cansaço. Minha imensurável gratidão a minha querida mãe, Deuzimar Cavalcante Araújo, que sempre está vibrando por cada pequena ou grande conquista da minha vida, por acreditar em mim quando ninguém mais acreditava, por me apoiar e acolher sempre que necessário, pelas lindas mensagens com gestos de amor todos os dias. Ao meu pai Manoel Antônio Ferreira da Silva, por ter me ajudado sempre que precisei, principalmente por seus sábios conselhos. As minhas três irmãs e a todos que acreditaram que seria possível a realização deste trabalho. Presto meus agradecimentos ao meu orientador Fábio Nadson Beserra Mascarenhas, por cada observação feita em meu trabalho e pelo aprendizado durante essa fase acadêmica, A banca avaliadora composta por Ernani José Brandão Junior e Felipe da Cunha Lopes. Aos meus amigos e colegas de curso de Campo Maior. Agradeço demasiadamente a Universidade Estadual do Piauí por tornar a realização desse sonho possível.

RESUMO:

O objetivo desse trabalho é destacar a contribuição da literatura piauiense, com relação ao sertão, assim como o desenvolvimento de uma identidade histórica e cultural. Os principais aspectos abordados estão relacionados aos costumes e tradições que estão presentes na cultura popular da região norte do Piauí. Além de entender as diferenças entre os períodos antes e durante a seca, visibilizando os desafios enfrentados pelos sertanejos piauienses. Essa investigação histórica tem como base a obra literária *Ataliba, o vaqueiro*, para uma análise de verossimilhança entre os aspectos da obra e a vida dos sertanejos. Ademais, apresenta a importância da valorização da literatura e dos escritores da região do Piauí.

Palavras-chave: Sertanejos, Cultura, Piauí e História local.

ABSTRACT:

The objective of this work is to highlight the contribution of Piauí literature in relation to the Sertão region, as well as the development of a historical and cultural identity. The main aspects addressed are related to the customs and traditions present in the popular culture of the northern region of Piauí. In addition, it seeks to understand the differences between the periods before and during the drought, making visible the challenges faced by the Sertão inhabitants of Piauí. This historical investigation is based on the literary work **Ataliba, o vaqueiro**, for an analysis of verisimilitude between aspects of the work and the lives of the Sertão inhabitants. Furthermore, it presents the importance of valuing the literature and writers of the Piauí region.

Keywords: Sertão inhabitants, Culture, Piauí, Historical identity.

Sumário

01. INTRODUÇÃO	11
02. Ataliba, trajetória, dever e sentimento: sua representação juntos aos demais personagens e a cultura popular sertaneja;	15
2.1 Entre as grandes e verdes campinas e o chão rachado	31
2.2 Vocabulário sertanejo e as representações culturais	36
03. A LITERATURA SERTANEJA USADA PARA DENUNCIAR A EXCLUSÃO SOCIAL SOFRIDA PELOS SERTANEJOS PIAUIENSES, NA OBRA ATALIBA, O VAQUEIRO.....	38
3.1 Uma análise da economia piauiense relacionada ao trabalho de Ataliba;	39
3.2 A denúncia literária sobre a seca na obra <i>Ataliba, o Vaqueiro</i> :	41
3.3 A contribuição da literatura e do escritor piauiense para a história local.....	48
04. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
05. REFERÊNCIAS	55

01. INTRODUÇÃO:

Este presente trabalho se deu devido a importância de abordar o contexto relacionado à história e literatura, no qual tem como objetivo analisar a obra *Ataliba, o Vaqueiro* do autor Francisco Gil Castelo Branco. O autor apresentado é conhecido no Piauí como o precursor do romance da seca, movido por uma literatura que envolve as características do norte do Brasil. Sua voz é usada para denunciar um período de grande seca no Nordeste destacando a região do Piauí. Francisco Gil Castelo Branco é membro de uma das famílias mais conhecidas do estado, reconhecidos por ser donos de grandes propriedades de terras que se localizavam na região de Campo Maior e José de Freitas. (Castelo Branco. 2004, p.13). Por ter natalidade no local, e por ser de uma família de boas condições financeiras, foi possível retratar sua obra com grande fidelidade as características do solo sertanejo que, apesar de seu gênero literário se baseia em contextos históricos e geográficos, relacionando-o a cultura linguística e doméstica da singularidade do povo piauiense.

Dessa maneira, este trabalho aborda o contexto das verossimilhanças referentes a literatura ficcional com a história, além de verificar os aspectos da obra que relacionam com a vida da população sertaneja, enfatizando a história local da região do Piauí. Seu cenário inclui a cultura da população, costumes que envolvem a religiosidade, a vida dos personagens literários que estão ligados de forma direta ou indireta com a sociedade de um determinado período histórico. O comportamento dessa sociedade que desde de sua construção é desvalorizada, em parâmetros nos quais envolvem sua linguagem e cultura.

O primeiro capítulo do trabalho a ser apresentado, é construído por meio de uma investigação relacionada a historiografia com as obras literárias Brasileiras que se assemelham à obra do escritor Francisco Gil Castelo Branco. A relação destas obras contribui para maior conhecimento do universo literário, onde é possível enxergar as diferenças e principalmente as semelhanças presentes na literatura, que se referem aos sertões assim como qual o sertão destacado. Diante disso, é possível entender o ambiente tanto quanto à sociedade que está sendo estudada. Neste viés, observa-se a riqueza cultural enfatizada na obra *Ataliba, o Vaqueiro* que estão ligadas aos costumes que são repassados de gerações para gerações, além de apontar as características da vida doméstica inserida na sociedade abordada.

Um dos pontos principais está desenvolvido no segundo capítulo do trabalho, que se destaca na pesquisa historiográfica com a labuta da população sertaneja relacionado a pecuária, como a forma de economia predominante da região do Piauí. Nesse contexto, sobressai uma análise do vaqueiro envolvendo seus aspectos físicos e culturais, tendo em vista que, o personagem principal da obra é um vaqueiro piauiense responsável pela fazenda que se encontra localizada em terras Piauiense ainda no período em que o estado era caracterizado como uma província. O recorte temporal e local se dá por meio do contexto em que a obra é trabalhada. No espaço destacado como uma região predominante do sertão, que contribui para uma compreensão da formação da sociedade, assim como os aspectos físicos, climáticos e geográficos que envolvem a vegetação, e a fauna presente no território. Procura-se compreender, ademais, a importância da preservação da história local que envolve a base econômica, social e política estabelecida por volta de 1877 e 1879.

Dentre estes aspectos compreende-se o desenvolvimento da pecuária tendo como base principal a criação do gado, como subsídio de seus derivados, por exemplo, a carne, o couro e o leite. Isso porque, é o grande aparato econômico e de subsistência da população local. Por meio deste trabalho, é possível entender, a crise que atinge tanto o local como a população que reside no mesmo. Envolvendo algumas particularidades apresentadas na obra de Francisco Gil Castelo Branco, analisa-se ainda as características do conceito de sertão levando em consideração os aspectos relacionados ao ambiente, dentro e fora do período de seca. Outro apontamento desta pesquisa envolve uma quebra da visão estereotipada de uma região que é representada exclusivamente pela seca e precariedade. Pois busca-se fazer uma apresentação da cultura de um povo. Há uma valorização da escrita de Castelo Branco porque envolve dois momentos climáticos, que correspondem ao período em que a sociedade local está fora do período de seca onde conseguem desenvolver suas atividades normalmente, logo em seguida é possível analisar a transformação deste cenário para o período de estiagem, o qual se transforma em uma grande seca. A partir desse contexto, observa-se uma situação problemática que envolve questões naturais relacionadas ao clima, mas que além disso se transforma em um problema social de desigualdade.

Cabe enfatizar que a obra *Ataliba, o Vaqueiro* foi uma evolução na literatura piauiense pois foi o primeiro escritor a desenvolver um romance sobre o contexto regional envolvendo a problemática da seca no Nordeste (Luiz Romero Lima, 2003, p.35). Por

esse motivo, a pesquisa apresentada busca analisar a obra dentro das verossimilhanças com a história, isso porque apesar de suas diferenças de bases teóricas e conceitos é possível enxergar suas relações, de maneira que o contexto histórico também valoriza a literatura piauiense que muitas vezes é esquecida dentro da região abordada:

É claro que uma obra que não tenha sido destinada originalmente ao leitor piauiense pode posteriormente entrar em sintonia com este público e com ele estabelecer um diálogo significativo. É talvez o caso de *Ataliba o vaqueiro*, de Francisco Gil Castelo Branco, que passou mais de cem anos totalmente desconhecido do público local e que, atualmente, vem sendo lido e discutido por um considerável número de leitores piauienses. (Luiz Romero Lima, 2003, p.14).

Observa-se uma classificação deste trabalho, diante da necessidade de maior valorização e conhecimento de autores e obras literárias voltadas para o contexto histórico. Como forma de verificação da literatura e consequentemente dos escritores piauienses. Por meio deste apreço, é possível uma preservação da história da memória da região. Porque a literatura de Castelo Branco envolve uma base de estudos historiográficos para a sua construção. Com este aspecto o historiador Nicolau Sevcenko aponta:

O ponto de intercessão mais sensível entre a história, a literatura e a sociedade está concentrado evidentemente na figura do escritor. Eis porque uma análise que pretenda abranger esses três níveis deve se voltar com maior atenção para a situação particular do literato no interior do meio social e para as características que se incorporam no exercício do seu papel em cada período. (Nicolau Sevcenko, 1999, p. 240).

O interesse em abordar as características da obra *Ataliba, o vaqueiro*, se dá por meio de sua relação com a sociedade sertaneja, devido ao fato de abordar em seu trabalho ficcional os aparatos de uma problemática social, a qual se refere às desigualdades econômicas e sociais. A carência de uma manifestação política que disponibiliza oportunidades para um grupo que acaba por ser esquecido, excluindo-os de políticas públicas para melhoria de vida no seu local de origem. Há uma desvalorização da classe sertaneja que foi vítima de problemas ambientais com um nível de descaso que provoca um grande número de mortes e que por meio dessas causas sociais, Francisco Gil Castelo Branco escreve o romance com um final trágico.

A obra literária e romântica tem o encargo principal com a ficção, ou seja, com a imaginação uma forma de prender o leitor fazendo com que ele fique comovido e sinta

emoções diretas com os personagens. Por outro lado, a literatura também revela que através das verossimilhanças com a realidade provoca em seus leitores pensamentos críticos sobre o impasse abordado. Nesse sentido, Júlio Pimentel Pinto explica:

O conjunto de signos emitidos por uma obra comunica-se com o leitor, provoca reflexão e consistência; a partir da decifração emocional; imaginativa ou racional desses sinais, o leitor, também intérprete, produz compreensão novas. (Júlio Pimentel Pinto, 2024, p.112).

De acordo com esta afirmativa é possível destacar que estudar a literatura do sertão piauiense é importante para preservar a cultura local, compreender a história da região, refletir sobre as questões sociais, é também uma maneira de valorizar os escritores locais, além de ampliar o repertório cultural dos historiadores piauienses. O sertão, no qual é retratado neste trabalho, se refere a região que abrange as áreas áridas e semiáridas do Piauí, que no sentido literário é usado, muitas vezes como pano de fundo para explorar questões de identidade, cultura e os desafios enfrentados pelo povo que habita essas áreas. O cenário abordado abre espaço para seus detalhes singulares, pois a vegetação nativa do sertão, trata-se da caatinga que se encontra bastante modificada pela ocupação humana que se iniciou na segunda metade do século XVI, com a criação do gado. O relevo apresenta diversas altitudes, com chapadas e depressões. Este conceito não está exposto de forma transparente na obra de Francisco Gil Castelo Branco, no entanto é feita uma interpretação que direcionam a pesquisas mais profundas sobre a região que é manifestada na obra. No contexto que envolve tempo e lugar Naxara cita que:

“Tempo” e “lugar” são tomados, aqui, como elementos instituintes, inerentes e imprescindíveis ao surgimento e afirmação do romance como gênero literário e, simultaneamente, ao campo da história como disciplina. Consideramos que boa parte do romance, no século XIX, enveredou para a história ou para o que poderíamos chamar historicização de paisagens e personagens como grau de aferição de verossimilhança e de afirmação do indivíduo como ser histórico (Naxara, 2006, p.40).

Envolve-se, portanto, na literatura de *Ataliba, o Vaqueiro* uma ligação da temporalidade do local em que se desenvolve o romance possibilitando produzir este trabalho, de acordo com o período histórico que desenvolve as originalidades do âmbito e da sociedade que expõe como sertaneja. Desta forma, desempenha sua ligação histórica por meio da literatura ficcional no sentido de que “a temporalidade como o lugar de construção, transformação e solidificação dos elementos, tanto identitários como de alteridade, caros à formação de grupos, associações e nações”. (Naxara, 2006, p.40). A

perspectiva é possível diante do pensamento de que apesar de tratar de uma obra ficcional desempenha uma ligação que não anula sua origem historiográfica pois desenvolve papéis históricos para o andamento do romance.

02. Ataliba, trajetória, dever e sentimento: sua representação juntos aos demais personagens e a cultura popular sertaneja;

O autor Francisco Gil Castelo Branco traz em sua obra *Ataliba, O vaqueiro*, realiza um diálogo entre as relações sociais e culturais do mundo real com o mundo dos personagens tratados em sua obra de ficção. Um dos pontos importantes destacados em sua obra, é focado nas relações culturais dos personagens, como o protagonista Ataliba, que representa a figura do sertanejo, bruto, forte e musculoso. Essas características são apontadas principalmente devido ao trabalho árduo no sertão. O sertão¹ é um termo conhecido antes mesmo da chegada dos portugueses ao Brasil, tendo em vista que os territórios com essa denominação ocupam grande parte do país, o que comprova sua grande importância para a formação de uma identidade histórica:

Essa delimitação insistente pela espacialidade, e que tem ordenado e desordenado, assentido e complicado o conceito de sertão, talvez sobreviva por acumulação: quando os portugueses aportaram suas caravelas no litoral brasileiro, foi fácil perceber que o sertão era todo o espaço que para dentro das praias podia ser apenas vislumbrado e imaginado, mas não visto, como assegura Pero Vaz de Caminha em sua

¹ o conceito de sertão como uma palavra que comportou e que ainda comporta distintas realidades o caso de se fazer uma enumeração pormenorizada do estado da arte destas muitas definições que se atribuíram para esta palavra que, por vezes, é retratada na historiografia contemporânea ora como conceito, categoria, chave explicativa, território físico, território geográfico, território geopolítico, paisagem, representação e/ou imaginário, isso para externar somente algumas das formas de como o sertão foi concebido. Não raro há pesquisadores que pensam e utilizam essa palavra como sinônimo de outro conceito, também bastante em evidência quando se faz um balanço historiográfico sobre o território que hoje compõe os Estados de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul, qual seja, o conceito de fronteira, e esta inclusive com direito, também, às mais infinitas variações em sua compreensão: fala-se de fronteira física, fronteira geopolítica, fronteira agrícola, fronteira cultural, fronteira oeste, território fronteiriço ou também sertão fronteiriço. (Dal Moro, 2014, p.159).

Carta. Sertão, aí, conseguia ser um elemento literalmente espacial e, de certa forma, concreto, mensurável. (Vicentini, 2007, p.193).

É nítido ainda, a ligação direta entre sertão, expressões culturais e literatura, pois muitos autores brasileiros como Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos que usam essas associações para escreverem suas obras, e dessa forma fazerem uma ligação entre as relações sertanejas com o romantismo literário, também no que diz respeito a literatura regionalista. “Sertão constituiu, desde cedo, por meio do pensamento social, uma categoria de entendimento do Brasil, inicialmente na condição de colônia portuguesa e, após o século XIX, como nação. (Amado, 1995, p.146). A partir dessas análises surge a ideia do vaqueiro, que é visto com o retrato de uma fisionomia de força, como foi destacado anteriormente, esta ideia é tratada em diversas grandes obras da literatura brasileira, como *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, *O sertanejo* de José de Alencar, e até mesmo *Os sertões* de Euclides da Cunha. Nesse sentido, Francisco Gil Castelo Branco caracteriza que, “Ataliba era moço, tinha a figura atlética e a fisionomia cheia de franqueza. O seu olhar caprichoso indicava desde logo que ele era um vaqueiro e enamorado”. (Castelo Branco, 2004, p.32). José de Alencar destaca O personagem Arnaldo com características físicas de um homem forte: “Era o viajante moço de vinte e um anos, de estatura regular, ágil e delgado de talhe”. (Alencar, 1998; p.12). O personagem Fabiano Também se caracteriza como um símbolo de força do vaqueiro, apesar dos maus tratos adquiridos pela seca e pelas longas viagens, visto que: “Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades”. (Ramos, 1977; p.20). O autor Euclides da Cunha não enfatiza sua obra diretamente no vaqueiro mas destaque que, “sertanejo antes de tudo é um forte”. (Cunha, 2016; p.133). Desse modo, entende-se que essa ideia do vaqueiro visto como um símbolo de força, está presente na obra por meio de suas características físicas ou em seus atos de bravura e resistência.

Esta perspectiva parte da representação do homem que vive da subsistência da terra, da agricultura e principalmente da pecuária, onde é o responsável por todo o cuidado com o gado apesar dos desafios impostos pela própria natureza. Nesse contexto, trata-se da paixão do homem pela terra, pelo local de onde nasce e cresce e que a maioria de seus conhecimentos está relacionado ao seu “mundo” que seria uma um pedaço de terra no interior, no qual pode deixar seu gado livre e passar os dias nos vastos campos vestidos das famosas roupas de couro que atualmente são vistas como um símbolo dos vaqueiros. Esse conceito é destacado em *Ataliba, o vaqueiro* da seguinte maneira:

As **perneiras**, o seu **guarda-peito**, o seu **gibão** e o seu chapéu com trancelim de borlas de fios de cor, eram de finas peles de bezerro, lavradas com esmero por hábeis mãos de mestre, um maço de cordas de couro adunco, dobrado em vários círculos, passava-lhe do pescoço por sob o braço esquerdo: era sua faixa de honra, era famoso laço com que prendia a rês rebelde à porteira do curral ou necessitada de algum cuidado. (Castelo Branco, 2004, p.32).

Tais questões apresentadas não se diferem do real. Trata-se, desse modo, não de um reflexo, mas de um diálogo entre o real e o ficcional. Isso porque, Francisco Gil, aborda em seu romance a representação dos sertanejos em um determinado tempo histórico, no qual demonstra as características de um grupo de pessoas, que nesse caso são os sertanejos. Diante disso, o autor faz uma representação do passado, possibilitando que o leitor compreenda parte das alegrias e dores vividas pelos personagens, mesmo que isso ocorra de forma paralela com a realidade do interlocutor da obra (Pinto, 2020, p.32).

A obra literária *Ataliba, o Vaqueiro* destaca-se por levar ao leitor dois períodos históricos dos sertanejos: o antes e durante o período da seca. Isso porque, apesar de relatar as dificuldades que os personagens enfrentam durante a seca, também mostra uma outra percepção, que seria a dos sertanejos fora do período de seca, onde demonstra o cotidiano dos personagens de uma forma leve, com seus sonhos e objetivos. No caso de *Ataliba*, o ponto de destaque é a paixão do piauiense por cuidar do gado, da fazenda do Morro, e seu amor por Teresinha, “moça” com a qual o sertanejo planejava se casar. Tal romance é abordado no livro com a simplicidade dos sertanejos, de modo a evidenciar um amor suave desprovido de sedução, luxos e ostentações.

É possível ter a percepção de leveza quando *Ataliba* entrega de presente a Teresinha um veado, como forma de demonstração de afeto e cortejo pela moça, conta-lhe uma história de aventura do seu dia para pegar o veado e Teresinha recebe o presente com grande ternura e admiração pelo vaqueiro. (Castelo Branco, 2004, p.32). Além disso, o vaqueiro pede a mão de Teresinha a sua mãe, Deodata, e ela responde que não pode “molestar” sua filha, e que prefere deixá-la livre para que decida, ao invés de seguir a cultura na qual os pais escolhem os maridos para suas filhas. (Castelo Branco, 2004, p.40).

No período ainda fora da seca, a obra fala de como ocorriam as festividades no local, a alegria dos personagens com a comoção do noivado de *Ataliba* e Teresinha, onde demonstra a fartura dos sertanejos através de seus trabalhos agrícolas, pecuários e de caça. Diante disso, o autor relata:

Gamelas cheias de pirão, em que escorria a medula ou - tutano - das tíbias ou - canelas de boi - calcinadas nas brasas, aguçavam o paladar dos sertanejos que com os dedos levavam à boca a convidativa substância e se moldava satisfeitos como não se sabe ser em banquete real. (Castelo Branco, 2004, p.50).

O ponto apresentado pelo autor gera uma quebra na visão de um lugar extremamente quente e de que é composto apenas por miséria, fome e seca. Isso porque, é importante observar a passagem do período que dá início à seca. Apesar da possibilidade da vinda da seca, há apenas boatos e rumores entre os sertanejos, que, durante a festa, dialogam sobre essa possibilidade a possível eventualidade. A seca ainda é vista nessa passagem da obra apenas como um fantasma, e os sertanejos continuam suas vidas naturalmente, com suas crenças, e festividades, que proporcionam aos protagonistas o prazer das danças e cantigas nos terreiros limpos das casas.

A paisagem apresentada no capítulo quatro da obra ainda é de campinas grandes, de vastos pastos para alimentação do gado, onde Ataliba campeia vigiando-os. O personagem cuida desses animais, não simplesmente por obrigação de trabalho, mas também porque é uma atividade cultural dos sertanejos que muitas vezes é passada de gerações para gerações. _Essa admiração pela figura destemida e quase sobrenatural do vaqueiro extremamente corajoso e versado de determinação também é tema de Graciliano Ramos em *Vidas Secas*, onde relata a grande admiração do filho mais novo por Fabiano. O menino ver o pai como um exemplo e sente o desejo de fazer as mesmas atividades e se comportar da mesma maneira, ou seja, é uma representação de que o filho sente ao ver a profissão do seu pai um sentimento grande admiração, exemplo e veneração. (Ramos, 1977, p.50). Essa mesma admiração é vista em Ataliba.

Nesse sentido, o trabalho do vaqueiro passa a ser uma grande responsabilidade, já que, o proprietário da fazenda, passa toda sua confiança para o vaqueiro, e coloca-o como responsável por todo cuidado com o gado da fazenda. Isso é um dos principais pontos abordados nesta obra, pois todo o trabalho de Ataliba é dedicado à fazenda, e quando se inicia a seca, o protagonista sente uma enorme agonia, já que o gado que lhe foi confiado a cuidar vem de outras gerações. Percebe-se essa ideia quando é tratado na obra que as pequenas quantidades de gado que Deodata, sogra de Ataliba, possui é herança de seu falecido marido, e esses, também eram de cuidado do jovem.

A resistência e persistência de Ataliba para não abandonar os deveres do seu trabalho mostra o quanto à população das regiões interioranas, dedicam-se inteiramente

às suas responsabilidades diárias, ao seu cotidiano e fixação pelo local onde vivem, isso porque tudo que é repassado a essas pessoas são os costumes das gerações anteriores e isso envolve preservar o lugar os objetos construídos, as formas de trabalho, os costumes e principalmente a questão de legado familiar. Além disso, há ainda a percepção de pertencimento da região, e pouco conhecimento sobre o mundo fora do local.

Um fator a ser observado ainda é que o trabalho da população da região sertanista, é voltado para a própria sobrevivência, o que ganham financeiramente é uma renda voltada para própria subsistência. A agricultura do local é usada para alimentação das famílias, assim como a pecuária está voltada para o consumo, isso prova que quando a terra em seu período de seca fica infértil, sem a possibilidade de plantação e sem água ou alimentos para os animais sobreviverem no local. Dessa forma, com a terra improdutiva, a mandioca, o feijão, o arroz e a cana de açúcar que são alguns dos principais cultivos dos sertanejos irão faltar, pois o que é cultivado não é o suficiente para durar um período de seca. Desse modo os sertanejos entram em declínio.

Na obra isso fica claro quando Ataliba sente extrema preocupação em pensar no fato de sair de seu local de origem por consequência da seca logo em seu início, a possibilidade de viajar pelo sertão em busca de melhorias, deixando toda a propriedade que havia sido confiada a ele. Sair como retirante não era uma opção aceitável porque, seria como uma desistência de suas obrigações, tudo que podia oferecer a possibilidade de salvar sua noiva e sua futura sogra que já se abala profundamente com a possibilidade de abandonar seu local. (Castelo Branco, 2004, p.55).

Ataliba recebe no romance o papel de herói, de protetor, não só da fazenda, mas também das pessoas ao seu redor como a noiva, e a sogra, assim como da companhia do amigo, africano, Cassange. Esse papel não é único e exclusivo do vaqueiro, no real da população sertaneja, o homem recebe esse papel de cuidador de protetor da família, responsável por todo cuidado e sustento com a família e a pequena propriedade.

A ideia de herói muitas vezes é na literatura, já que o herói representa uma figura de muita força determinação e coragem, Ataliba se encaixa perfeitamente neste perfil porque luta contra a seca e contra todas as adversidades da grande vilã da obra, na obra a seca recebe esta característica pois, é ela que leva os personagens a demasiado sofrimento, fazendo com que eles tenham que partir de seu lugar de origem e tão amado onde abandonam não só sua terra e casas mas também seus sonhos e é nessa perspectiva que Ataliba recebe seus destaque, pois como é o responsável por pelo cuidado da fazenda que lhe é confiada também ver a grande responsabilidade de cuidar de sua família que são as

peessoas mais próximas tanto de sua vida pessoal como de seu trabalho ao qual se dedica de forma assídua. Outro exemplo de seu protagonismo heroico na obra é sua luta contínua pela sua sobrevivência e proteção sobre os demais personagens, dentro de um cenário extremamente devastado, onde representa durante a seca somente dor, sofrimento e angústia aos personagens simples e comuns como já citado neste capítulo.

O heroísmo desse personagem é um dos pontos chave desse texto, isso porque dentro de uma imagem do sertão, com destaque para o Piauí, o vaqueiro se evidencia continuamente dentro da paisagem e cuidado com os animais. Ataliba não é visto como herói somente por sua fisionomia atleta, mas também pelo seu traje, honestidade e habilidades, e principalmente por sua coragem de luta contra a seca que assola a sertão piauiense e amedronta os demais personagens. (Sousa Rodrigues, 2015, p.17). Francisco Gil Castelo Branco comprova o heroísmo do vaqueiro em cenas como a apresentada a seguir:

Vaqueiro, pressentindo o pavor que apossara de Teresinha, mandou Cassange, que vinha ao seu lado esquerdo, passar para o oposto, em frente da moça e, conversando alegremente com o velho e com ela, desvanecia-lhe o terror [...] Ataliba, sentindo que as mãos febricitantes da moça lhe queimavam o peito e notando que a borracha já murchava, conquanto a moreninha parcamente bebesse aos goles, reservava-lhe as gotas que poderiam abrandar a sede que ele igualmente sofria, porque não resistia à voz de sua noiva, exclamando: -Água! água! (Castelo Branco, 2004, p.81-82).

Nesse sentido, fica claro o motivo pelo qual os personagens desejam permanecer no lugar no seu lugar de origem em meio a natureza. Mas consequentemente a falta de assistência aos personagens, fazem com que eles deixem todo o orgulho, e planeje sua viagem como retirantes pelas veredas do sertão, isso ocorre porque as terras onde viviam tomam a cada capítulo uma proporção extremamente assustadora e, todas as reservas de alimento que tinham estavam se esgotando, o desespero passa a tomar conta dos personagens. Francisco Gil Castelo Branco destaca:

O luar clareava frouxamente a terra. As árvores despidas de folhas e denegridas mostravam-se mais lúgubres do que ao lusco-fusco os goivos à beira dos túmulos. As ossadas alvacentas e esparsas por essas campinas, outrora resplendentes de vegetação, cheias de harmonia e, agora, tão desertas, silentes e pavorosas, desdobram-se à vista do vaqueiro como um cemitério extenso, interminável! - que percorria por essas desoras como um ente sobrenatural, examinando-as, quiçá pela última vez, recolhendo todas as reminiscências, que semeara algures

por este solo querido do seu labutar honroso e do seu amor imaculado”.
(Castelo Branco, 2004, p.73).

Essa trecho apresenta o desespero, medo e agonia que passa nos corações do sertanejos, a ideia de abandono é o que mais prevalece no desenvolvimento do capítulo oito do enredo, porque mesmo que a causa de todo sofrimento populacional seja um problema de causas naturais, é nítido que os personagens encontram-se sozinhos em todo o romance, e que o é o vaqueiro o único herói para os demais sujeitos da trama, com o ²desejo de salvar sua família, e tomando pelo desespero de ver seus animais morrerem e sua família desfalecer ao poucos pelo exacerbado sofrimento.

É por este motivo que Castelo Branco produz sua obra como uma maneira de denunciar, através de sua obra ficcional, a realidade de muitas famílias que sofreram com os impactos das grandes secas que assombram os piauienses durante vários séculos, entre eles o século XIX. Essa denúncia foi feita por meio da literatura, e isso mostra o seu impacto no âmbito social, pois o autor, publica sua obra literária a priori em forma de folhetim, Na cidade do Rio de Janeiro, através do jornal Diário de Notícias, e isso impactou os leitores com acesso à leitura porque esperavam ansiosamente por cada episódio lançado por Castelo Branco. Desse modo, é possível perceber que o maior intuito da escrita da obra *Ataliba, o vaqueiro* é fazer a representação dessa parcela populacional que é desprovida de amparo político e social, e dentro dessa verossimilhança¹, ou seja, a obra ficcional é usada para abordar seus contextos apresentados seguindo uma lógica da realidade para apresentar a cultura da população local.

Neste viés, compreende-se a importância da literatura, pois ela é também uma representação artística que encanta e causa diversas sensações e reflexões aos leitores diante do mundo, o escritor atravessa um longo caminho por meio da ficção que envolve ou dialoga com a realidade populacional. A linguagem estabelecida dentro da escrita é uma maneira de comunicação que apresenta contextos históricos que registra e reflete experiências aos leitores. (Rodrigues, 2015, p.12).

² *Verossimilhança* é a qualidade pela qual os acontecimentos de uma narrativa, ainda que não verdadeiros, parecem possíveis e coerentes dentro da lógica interna da obra — o que importa não é que algo “tenha acontecido”, mas que “possa acontecer” segundo a razão e a experiência humanas. (Aristóteles, 1984; p.33). Desse modo, a verossimilhança é primordial para a escrita desse trabalho já que, se caracteriza por trabalhar uma obra ficcional que se assemelha com as características do modo de vida dos sertanejos assim como as dificuldades enfrentadas durante períodos de seca no Piauí.

Diante desses aspectos o autor se destaca por ser o pioneiro na escrita relacionada à seca piauiense. No entanto, é importante ressaltar que Castelo Branco não fez esta representação de maneira generalizada, pois é importante que os leitores contemporâneos e principalmente de outras regiões entendam que o Piauí não se resume em um paradigma de um ambiente permanentemente seco e devastado desprovido de riquezas. Isso porque, é dentro dessa linha de pensamento que o autor escreve em sua literatura ficcional, apresentando ambas as passagens de clima da região e ainda assim deixando claro a importância de falar sobre a problemática da seca sem gerar uma visão estereotipada de um cenário pobre e desértico.

A seca é um fato comum na região do Piauí³. Isto por causa das grandes mudanças climáticas que compõem o local. Uma grande parcela dos escritores, repassam aos leitores que o Piauí, é um local de sofrimento e decadência, obras como *A bagaceira*, de José Américo Almeida, se passa no ambiente do semiárido nordestino, destacando a vida sofrida por meio da seca. No entanto é importante analisar que falar do Piauí não é somente falar de seca mais também da ideia de piauiensidade⁴, nesse viés, não pode ser interpretada de modo que a região pareça sempre marcada pela ardência do sol e que a cultura local evidencie-se pela presença de uma natureza que provocar dor e decadência, tanto da paisagem quanto da população. Com essa perspectiva os brasileiros acabam enraizando esse traço à região. (Oliveira e Silva, 2019, p.237). No entanto, o fato de Francisco Gil realizar uma denúncia sobre a seca, não anula a visibilidade que ele apresenta ao leitor de dois períodos climáticos que fazem parte da região e, além de apresentar os aspectos climáticos, esclarece as variadas maneiras culturais que compõem os personagens, e esclarece que estes personagens são apenas uma parcela da região que acaba sendo excluída dos direitos sociais, já que vivem à margem dos demais grupos sociais. É dentro desse contexto que o autor define as características de cada personagem, relacionando o período de seca há um período de solo fértil e no decorrer do enredo, antes

³ A região semiárida nordestina é caracterizada pela ocorrência de chuvas escassas, irregulares (espacial e temporal) de secas frequentes, sendo usual a ocorrência de eventos de alta intensidade e de pouca duração, desprovido de volume de escoamento de água dos rios, essa situação pode ser explicada em função da variabilidade temporal das precipitações e das características geológicas dominantes além dos sistemas meteorológicos atuantes. (Silva et al 2013; p. 1470).

⁴ Segundo Salomão Sobrinho, a *piauiensidade* é construída na literatura por meio da representação do sertão, da seca e do modo de vida do povo piauiense, elementos que funcionam como traços identitários fundamentais. Para o autor, a produção literária do Piauí surge comprometida com a expressão desse espaço árido e humano, que molda o imaginário cultural do estado (Sobrinho, 1977, p. 14–15).

de mostrar toda a trajetória de sofrimento apresenta as culturas, costumes, e riquezas da população.

Mendes da Silva argumenta que Francisco Gil Castelo Branco é fundamental para a construção de uma identidade piauiense marcada pela seca — sua ficção não trata a estiagem apenas como cenário, mas como elemento estruturante da vida social e simbólica no sertão, contribuindo para cristalizar uma “piauiensidade” associada à aridez, ao isolamento e à resistência. (Mendes da Silva, 2005, p. 72). Raimunda Celestina Mendes da Silva uma das autoras que se caracteriza por suas críticas importantes sobre a literatura piauiense, inclui Francisco Gil Castelo Branco em sua obra *A representação da seca na narrativa piauiense: séculos XIX e XX*, a qual fala da importância do autor na literatura piauiense por ser o precursor do “romance da seca” no Piauí, aponta com ponto negativo por ser contribuinte do estereótipo de seca. Mas no decorrer desse trabalho é possível compreender que a obra Ataliba, o vaqueiro, constrói em sua obra não somente cultura relacionada a seca. Mas uma obra ultrapassa essa perspectiva, já que por meio da leitura da obra é possível reconhecer um local com grandes riquezas relacionadas aos costumes, cultura e modo de vida dos sertanejos piauienses que contribui para uma visão de piauiensidade muito ampla e variada englobando um conjunto de valores.

Teresinha, é a primeira personagem a aparecer no enredo da obra, caracterizando a simplicidade do lugar e dos personagens, cumprindo as obrigações do seu dia a dia, de acordar logo cedo para pegar a água diretamente do riacho. Água na qual serve para o sustento da população, e para o cuidado com os animais que vivem na pequena região do Piauí, chamada de Fazenda do Morro, a qual fica próxima a província do Ceará.

A personagem representa de forma cultural grande parcela das mulheres que viviam nos pequenos territórios sertanejos, na qual o padrão social da época é encontrar um bom parceiro para construir seu próprio lar e Ataliba se encaixa perfeitamente dentro dos padrões, pois é bem visto socialmente como um vaqueiro muito responsável. Nesse sentido, compreende-se que o enredo vai além de um romance entre um casal, pois não há nenhum padrão social que separe o casal, ou seja o principal vilão a ser apresentado no romance é a própria seca, um fenômeno natural, isso prova que a obra literária tem como base uma história mais ampla, que no caso influencia a vida de toda uma população.

Nesse âmbito social, há uma divisão entre as características entre as mulheres, pois a virgindade feminina é um apreço entre sociedade, as mulheres que a perdem, não são reconhecidas como “moças”, por isso perdem a visão do ideal construído de serem puras para casar-se, por isso, os namoros entre os casais são limitados, onde é necessário

a participação dos pais para permissão do envolvimento entre o homem e a mulher pois está diretamente ligado a perspectiva de preservação da virgindade até o momento do casamento e todos os namoros considerados ideais devem ter o propósito de casamento.

A jovem se mostra cheia de sonhos, vivendo com sua mãe, que na maioria das vezes é tratada pela mãe pelo codinome de “rapariga”. Fazendo com que, o leitor observe o temor da filha pela mãe, pois logo no início do romance a mãe recebe a filha com beliscões e murros pelo fato de acreditar que a filha estava enfeitiçada ao derrubar a cabaça de água que havia pego no riacho ao lado mãe quando a rodilha escorrega de sua cabeça. Nesse contexto o autor destaca na obra as crenças folclóricas da região, com o exemplo da “Mãe d’Água. Essas histórias são contadas de gerações para gerações. Mostra ainda o grupo social em que Teresinha se encontra, classificado como “apanhadeira de água”. Além disso, o autor destaca as características comuns das jovens do sertão:

Teresinha era uma morena sedutora. As suas formas, delineando-se em modesta saia de chita, e os seios arfando sob alva camisa orlada de renda, ofereciam à escultura um modelo de perfeições. As tranças espessas, as esculturas e lustrosas como fios negros de seda, desciam-lhe até a cintura de ninfa, as suas mãos de criança, conquanto algo estragadas pelo trabalho, valiam um tesouro de rainha; os seus pés de fada perdiam-se em um chinelozinho de capoeiro; os seus olhos resgados, brilhantes, transluziam as paixões que dir-se-ia, dormiam ainda nessa alma inocente. (Castelo Branco, 2004, p.29).

As características tanto físicas quanto do estilo da personagem, representam as jovens que viveram durante o século XIX, especificamente na região sertaneja. A região abordada é conhecida como excêntrica para os estados localizados no sul do país. Principalmente por conta de alguns costumes que nesse período ainda são considerados antigos. No entanto, é crucial destacar que Castelo Branco apresenta por meio de Teresinha um grupo de mulheres pouco conhecido na literatura brasileira. Isso porque esse século é marcado por diferenças marcantes entre as mulheres dos variados grupos sociais femininos. “Lembrando que havia vários tipos de mulheres não escravas, podemos imaginar que, entre as fazendeiras ricas e as pobres roceiras, as diferenças alimentares e de estilo de vida deixaram marcas diferenciadas em suas fisionomias. Os traços das mulheres de elite são mais conhecidos”. (Falci, 2020, p.114)

O autor destaca a moça no romance com muita felicidade, sonhos e esperanças. Nesse sentido, o autor mostra, “A moça fixou o vaqueiro com uma expressão de ternura inaudita e guardou silêncio; mas seu silêncio era a verdadeira eloquência dos eflúvios dos

sentimentos que alimentavam seu coração de virgem”. (Castelo Branco, 2004, p.33). Compreende-se na pequena parte da obra que Castelo Branco, apresenta as relações efetivas entre os personagens Teresinha e Ataliba, e o desejo de ambos pelo casamento. Diante disso, é essencial apontar que o casamento sertanejo na grande maioria, as parceiras são escolhidas pelo convívio social e pelas características de apreço e respeito que a sociedade sertaneja reconhecia diante da mulher. Enquanto para os homens pedirem a mão da jovem era necessário que tivesse alguma renda que pudesse estabelecer o sustento da família. (Falci, 2020, p.120)

Durante a seca todas essas características são perdidas pela jovem, o fato de ver sua mãe doente é um grande abalo para ela, além de perdê-la logo em seguida, isso mostra que o grande sofrimento não é somente da fome e sede, mas também de perder as pessoas mais próximas, nesse caso sua mãe. Com a duração do período de seca, todas as características de tristeza, sofrimento e vulnerabilidade da jovem há um grande crescimento até causar a sua morte.

Francisco Gil Castelo Branco, caracteriza em Deodata, os sertanejos que vivem toda sua vida no sertão, lugar de onde nunca saíram e dedica toda sua vida ao local, onde não ver nem um futuro fora do local, já quem está enraizada por meio de todas as lembranças, sentimentos e apego a seus simples bens construídos, durante sua vida. o estilo de vida do cuidado com a casa, a criação das galinhas são exemplos da do cotidiano, praticado principalmente pelas pessoas mais velhas que já não resistem ao trabalho braçal praticado no sertão. A velha também caracteriza a cultura religiosa seguida pela maioria dos sertanistas através do catolicismo e a devoção pelos santos como São Benedito e Nossa Senhora.

A personagem possui esta grande representação sobre a religiosidade e fé pois é uma das maiores características dos sertanejos, os quais seguem os ensinamentos, que principalmente a mães repassam aos filhos, pois nesse período é visto como responsabilidades das mães educar seus filhos de acordo com a educação que lhes foram repassados por seus pais. Deodata não segue sua religiosidade somente durante o período de seca no Piauí, mas sim durante toda sua vida, e repassa essa cultura para sua filha Teresinha, conversa com a filha de acordo com seus princípios os deveres que ela deveria seguir ao se casar. Esses deveres estão relacionados de acordo com a cultura local sobre respeito, fidelidade e responsabilidade já que é ensinado a esposa a cuidar do lar do marido e educar os filhos. Deodata e Teresinha, embalando-se nas suas redes, fizeram

outro tanto: a velha aconselhava a menina acerca dos deveres conjugais e a moreninha ouvia-a com o pensamento preso em Ataliba. (Castelo Branco, 2004, p.45).

Francisco Gil, aponta por meio da personagem Deodata a cultura religiosa que é demasiadamente predominante no sertão Piauiense. Isso envolve diversas características, ou seja, não se trata de uma crença que se limita em um único modo de pensar, mas tem amplos significados internos que destacam as características identitárias da população. Isto é notório devido a construção social do País, e principalmente pela grande influência jesuítica no Piauí, marcada não exclusivamente pelo catolicismo, mas também pela miscigenação que envolveu toda a estrutura social. Os aspectos apresentados são compostos pela fé que envolve o grupo social, de forma marcante pela celebração dos santos, os adereços, as imagens de santos e construções de pequenos altares de devoção dentro das casas sertanejas, ademais, se visibiliza de forma marcante o uso terços, procissões, missas e novenas. (Morais, 2011, 02).

Outro ponto a ser abordados sobre a cultura religiosa é o fato de envolver os sertanejos por meio de costumes que ultrapassam gerações, pois a sociedade é ensinada ainda criança os ensinamentos religiosos, na obra de Castelo Branco isso é nítido, pois, Deodata repassa esses ensinamentos a religiosos, envolvendo sua fé para Teresinha. Os ensinamentos de devoção são construídos entre os sertanejos que perpassam as gerações ocorrem por meio de práticas como o batismo, as promessas e o falecimento. (Lima de Moraes, 2011, 03). A morte de Deodata é também um simbolismo dessas práticas religiosas:

Ataliba por fim ajoelhou-se e com a voz entrecortada de pranto em tom alto e cheio de unção, começou a rezar, repetindo todas as orações que aprendera na infância. Cassange imitava-o e Teresinha quais acompanhá-los: mas coitadinha! - debilitada pendeu ao lado da velha, e com, e com a linda cabeça reclinada sobre Deodata, como se dormisse em paz ao colo materno, permaneceu desmaiada. (Castelo Branco, 2004, p.74).

A religiosidade na obra é muito enfatizando pelo autor quando se trata do noivado de Teresinha e Ataliba. No diálogo entre mãe e filha, o qual Deodata repassa seus conhecimentos que um dia também lhe foram ensinados, o que caracteriza a ideia dos costumes que são repassados por meio de gerações, que estão diretamente ligados ao catolicismo, essa cultura também é estabelecida aos homens, que nesse caso, aos homens

é ensinada a ideia de que o ideal tanto social quanto religioso para o homem é que eles se casem com uma moça virgem. Nesse contexto, o autor cita:

Os moços sertanejos consagram uma espécie de culto à virgindade: acanham-se perante ela, compreendem-na, advinham-na por um gesto, por um sorriso, por qualquer contração da fisionomia, nunca a farão corar com uma ousadia, com um pensamento malicioso. (Castelo Branco, 2004, p.34).

Francisco Gil Castelo Branco destaca esses costumes que são repassados de geração para geração para as mulheres, mas também para os homens, apesar de que ambos devem seguir os ensinamentos de acordo com suas características femininas ou masculinas. O catolicismo está presente diretamente no vocabulário diário dos sertanejos, o autor destaca isso quando Deodata se expressa pedindo a proteção da Virgem Santíssima para que ela possa ser livrada de todo mal, e finaliza com “amém, Jesus”. (Castelo Branco, 2004, p.39). Ademais, Castelo Branco traz através de Deodata, a ligação desses ensinamentos tanto por meio da religião quanto pelo apego que a personagem demonstra pela região do sertão e seu pequeno lar, desse modo, quando a seca chega ao local, ela não suporta a ideia de ir embora do local. Dessa maneira, Castelo Branco aponta:

Deodata tomava a parte nesse serviço, malgrado do vaqueiro, e quando depunha a enxada ia ajoelhar-se no seu oratório, dirigindo aos céus súplicas efervescentes. Uma tristeza profunda apossou-se dela e sua energia consumia-se à proporção que se desenvolvia o flagelo. A ideia de abandonar estes lugares, onde passara a vida feliz, era um pesadelo que a aniquilava”. (Castelo Branco, 2004, p.54).

O autor deixa claro a grande paixão de Deodata pelo sertão, a ideia construída durante toda sua vida, é de felicidade proporcionada pela região e as pessoas que também viveram no lugar, as lembranças construídas por ela e de um lugar de fartura, pelos cultivos, pelas festas, e por sua religião, por esse motivo, é insuportável a ideia de abandonar sua casa, tanto que ela faleceu antes mesmo de sair como retirante. Nesse contexto, Francisco Gil, provoca uma quebra na ideia estereotipada de que o sertão se caracteriza pela seca.

Cassange é apresentado a princípio na obra por ser um ex escravidado que habita a região do Piauí, e que antes do período de seca não é visto por Ataliba como um amigo, mas sim como um homem que viaja pelas redondezas e conhece muitas pessoas que são

próximas dos personagens, assim como a própria região, o que facilita contar com ele para levar e trazer recados até seu amo.

No entanto, o enredo relacionado ao personagem se modifica durante a obra, antes mesmo do início da seca e as dificuldades sofridas pelos personagens, que são consequências da mesma. Nesse contexto, o personagem Cassange passa a representar na obra a mestiçagem que envolve a região do Piauí. Por meio dele é possível compreender as diferenças étnicas na região. O autor traz o personagem como uma maneira de representar uma inclusão social a partir do período estudado. Cassange é colocado na obra como um dos personagens mais próximos do protagonista, em uma condição de ser companheiro e amigo que anda lado a lado com Ataliba, assim o personagem passa a ser apresentado com sua liberdade e principalmente pela sua ligação com a natureza do Sertão.

Ele nunca aceitaria semelhante conduta; ainda havia recursos, ainda podia resistir; resistia, pois, com a coragem de que era dotado o seu caráter inabalável e brioso. Assim, comunicando a sua intenção ao fiel Cassange, encontrou no africano um companheiro condigno, e esses dois homens, pela primeira vez, em estreito abraço, uniram-se em um pacto de morte. (Castelo Branco, 2004, p.55).

Cassange é caracterizado na obra por sua etnia, algumas vezes citado como o Africano ou pela condição que já teve de escravizado, caracterizando dessa forma sua Identidade, e sua representação de Natalidade de estado e continente. Além disso, a liberdade do personagem é apresentada pela sua caracterização de caçador, além da ênfase de sua ligação com a natureza, pois faz muitos comparativos de sua vida durante seus dias e noites de caçada pelo sertão, de como conhece as matas e os animais, apesar de ter Ataliba como amo. Castelo Branco, destaca o personagem, como um homem admirável na região pelos sertanejos, não só pela sua idade de mais de oitenta anos, mas pelo respeito que a população tem com ele, desse modo o autor ressalta:

As pessoas idosas consultavam-no; as moças gracejavam com ele e confiavam-lhe seus segredos; as crianças queriam-lhe tanto bem que em sua passagem corriam todas batendo palmas e o acolhiam com um triunfo exclamando: - Lá vem o Cassange! Lá vem o Cassange! (Castelo Branco, 2004, p.42).

Diante disso, pode-se interpretar a veracidade da importância que o personagem apresenta na obra. Nesse contexto, mais uma vez a obra literária mostra a harmonia na

qual os sertanejos viviam no período antes da seca. Isso porque, por meio da obra é possível identificar a importância do personagem no contexto social. Outro ponto abordado, é o fato de Cassange, possuir grandes conhecimentos, do local e informações sobre as pessoas e principalmente suas habilidades para tocar viola, cantar e produzir substâncias medicinais naturais.

O personagem retrata ainda, o comprometimento, respeito e amizade que existe entre os sertanejos, pois com o surgimento da grande seca ele permanece ao lado da Família de Deodata, com um sentimento de cuidado e preocupação com os demais personagens. O autor apresenta isso no momento em que surge a primeira dificuldade que os personagens enfrentam com a doença de Deodata, o africano permanece ao lado dela com toda preocupação e cuidado. “Cassange, que raramente se afastava da enferma, tranquilizava essas frágeis criaturas”. (Castelo Branco, 2004, 69). Diante disso, o autor mostra todo o companheirismo e afeto que Cassange possui pelas figuras da obra, e acompanha Ataliba quando sai como retirante, além de cuidar de ambos os protagonistas até o momento de suas mortes. Cassange é o único sobrevivente entre os personagens principais, mas fica louco por ver todos seus entes mais próximos morrerem de forma extremamente trágica.

A trágica loucura do personagem é resultado de sua amizade com a família apresentada na obra, a qual o personagem não deixa de ser um membro, onde viveu toda sua vida próxima dos personagens, apesar de viagens e casadas, o fato da seca aproxima cada vez a figura de Cassange ao personagem Ataliba, pois, está sempre presente no enredo, sofre excessivamente a morte de sua amiga Deodata. Cassange é uma figura de suma importância no decorrer da obra, pois apoia toda a família e não os abandona, mesmo nos momentos de indecisão sobre partirem ou permanecerem em um local com imagens apenas catastróficas. Antes da seca, o personagem se destaca principalmente por suas habilidades artísticas relacionadas a música e as cantigas que são um fato muito comum na região, principalmente por seus versos formados sempre com rimas que envolve e citam os personagens, essas são características que representam um estilo musical chamado de “música caipira”, mas que também compõe detalhes da arte popular do “repente” que envolve improvisos rimados.

A formação deste estilo é reconhecida como uma cultura popular dos sertanejos, pois é representada como uma festividade entre a população, onde se reúnem nos terreiros das casas, formando uma roda e cantam em um estilo de música sertaneja, onde o violeiro destaca em suas rimas as histórias pessoais de suas andanças. Pois na maioria das vezes

os violeiros e repentistas são pessoas que viajam pelo interior da região conhecendo muitas pessoas e histórias de vida. Por meio dessas experiências pessoais formam suas cantigas que encantam todos os que assistem ao pequeno “luau”, diante disso, esse estilo envolve, as representações culturais que falam de relatos pessoais em forma de comédia, que envolve seus costumes, religiosidade e as demais características do ambiente rural. (Pinto, 2008, p.16). O autor traz esses aspectos da festividade por meio do violeiro que é representado por Cassange em sua obra literária. Além de abordar os alguns detalhes da festividade como:

“Na verdade, pouco a pouco, a casa ficava apinhada de gente. Era curioso vê-los em bandos homens, mulheres, velhos e crianças, virem, alegres, marchando ramram dos pandeiros, ao tilintar das violas, trazendo lenços com beijus e ovos. Era curioso ainda, à tarde, vê-los debaixo da cajazeira, as mulheres assentadas e os homens de cócoras, regalando-se em homérico jantar, que lhes preparara Deodata. (Castelo Branco, 2004, p.50).

O trecho destaca o cenário em que ocorre o evento, em demasiada alegria entre os personagens, assim como a grande fartura dos alimentos durante a festividade. O autor aponta ainda, as danças, o que enfatiza a diversão entre os sertanejos, dentre esses aspectos, Francisco Gil coloca em sua obra ainda uma representação das músicas, segue as três primeiras estrofes:

Meu amo sô Ataliba
meu amo do coração
vai casar com sinhá moça,
rainha deste sertão

A flor do - pequi - é branca,
do - bacuri - encarnada,
a flor do jambo é bonita,
mais bonita é minha amada

Dormindo estava sonhando
que mataram meu bem,
acordei pedindo a Deus
que me matasse também.
(Castelo Branco, 2004, p.51)

Na primeira estrofe da cantiga, Cassange deixa claro o sentimento de carinho que sente por Ataliba, mostrando que Ataliba tem grande importância em sua vida. Na

segunda estrofe observa-se a fala de Ataliba que compara a beleza de sua noiva com as flores das árvores encontradas na paisagem local e por meio do uso do travessão em meio aos versos de sua estrofe pode-se perceber a presença do improviso. Por último, Teresinha declara o amor que sente pelo vaqueiro, mesmo em seus sonhos. É importante ressaltar ainda que essa festividade marca a passagem do período para o início da seca no romance. Mas também que por meio desse evento o autor faz representações importantes da cultura local, como a culinária e principalmente a festividade que destaca as músicas populares dos sertanejos com a representatividade de Cassange como violeiro.

2.2 Entre as grandes e verdes campinas e o chão rachado:

O autor traz durante todo o enredo da obra uma comparação das características do sertão do período antes da seca e o depois da seca, dentro desse contexto, destaca bem as características do ambiente e dos personagens que estão inclusos dentro desse cenário, essas mudanças são tanto do local quanto das pessoas representadas na obra por consequências das mudanças climáticas do sertão. Nesse sentido, provoca questionamentos ao leitor sobre esse processo, como por exemplo, o fato dessas mudanças serem algo realmente ambiental ou se há uma influência social.

A princípio o cenário apresentado é de um lugar de verdes paisagens, onde é possível notar uma boa fertilidade do solo já que os personagens vivem principalmente da agricultura e as relações comerciais estabelecidas são geradas por meio da pecuária, que é possibilitada através do gado, especialmente o vacum e o cavalar, de grande predominância durante o período de colonização e também criado pelos sertanejos. (Melo; Machado; 2021; p.150). Isso porque, por meio da terra é possível ser suprida todas as necessidades de consumo da população, como as plantações de arroz, feijão, mandioca e outros cultivos usados para a subsistência populacional, assim como a criação de animais.

Dentro desse modo de vida sertaneja, se caracteriza a agricultura de subsistência na qual são apresentadas nas grandes obras literárias, dentro desta perspectiva se destaca a obra *Lira Sertaneja*, do autor Hermínio de Paula Castelo Branco⁵, onde aponta em seus

⁵ A agricultura de subsistência, elemento fundamental do modo de vida sertanejo, aparece de forma recorrente na literatura regional como expressão das práticas socioeconômicas que estruturam o cotidiano do sertão. Na obra *Lira Sertaneja*, Hermínio de Paula Castelo Branco registra poeticamente esse universo, destacando a relação direta entre o sertanejo, a terra e os ciclos naturais que moldam sua existência com

poemas a plantação e o cultivo da cana de açúcar, utilizada para a produção da rapadura e a farinha de mandioca. Esses dois exemplos também destacam uma expressão cultural da população local, como as construções dos engenhos e das casas de farinha, onde nesses locais se reúnem grande parte das pessoas para se ajudarem na mão de obra do trabalho. Mão de obra esta, que era paga com os próprios alimentos que estavam sendo preparados.

Esses aspectos dos produtos alimentícios, pecuários e agrícolas produzidos pelos sertanejos são destacados na famosa obra da literatura brasileira de Rachel de Queiroz, intitulada *O Quinze*, na qual a autora fala dos alimentos que os personagens carregavam em suas bagagens ao saírem como retirantes com o intuito de fugirem da seca em busca de melhorias de vida. Desse modo, a autora fala ao seu leitor: “O vaqueiro foi aos Alforjes e veio com uma manta de carne de bode seca, e um saco cheio de farinha, com quartos de rapadura dentro”. (Queiroz, 2023, 46). Essa relação entre as obras é nítida pois destaca de forma detalhada a alimentação dos sertanejos.

Diante disso, pode-se compreender a importância desses alimentos para a população. Na obra, *Ataliba, o Vaqueiro* o autor enfatiza a questão da pecuária, que é demasiadamente praticada pela população, pois através do gado, o qual é o foco dos personagens, como Ataliba que vive do trabalho exclusivo de cuidado com o gado. Essa prática proporciona alimentos como o leite, a carne, e o couro que é usado para a produção de sapatos e roupas, como as próprias vestimentas do vaqueiro, é usado ainda para a fabricação das camas e objetos a serem utilizados dentro e fora das moradias. Essas características são encontradas na obra *Vidas Secas*, do autor Graciliano Ramos, obra na qual envolve o período histórico estudado. O literato destaca em sua obra:

Pobre de Sinhá Vitória. Não conseguiria nunca estender os ossos numa cama, o único desejo que tinha. Os outros não se deitavam em camas? Receando magoá-la, Fabiano concordava com ela, embora aquilo fosse um sonho. Não podiam dormir como gente. E agora iam ser comidos pelas arribações. (Ramos, 1977, p.121).

Graciliano aproxima-se da obra de Francisco Gil, pois traz a reflexão do quão esses objetos fabricados por meio do couro do gado são valiosos para a população, abordando por meio de sinhá Vitória o sonho de várias outras famílias sertanejas, e assim como ela, Teresinha que desejava construir uma vida e um lar ao lado de Ataliba.

base na agricultura, um dos poemas que cita essa característica é o “Um ajuste de casamento num serão de farinhada”. (CASTELO BRANCO, 1957; p.41-44).

Francisco Gil também aponta em sua obra o aspecto de como as casas dos sertanejos piauienses são construídas de forma simples, relacionando isso também às características culturais da população. Assim o autor aponta, “A casa da Tia Deodata, como geralmente as cabanas do sertão, era coberta de piaçava. As divisões dos aposentos, também construídas do mesmo material, tinham portas de esteiras em talos de buriti”. (Castelo Branco, 2004, p.37).

Com base nesse exemplo, Castelo Branco, esclarece que essas construções eram feitas de um material simples, sem modificação industrial, no qual é retirado diretamente do solo da região, como o telhado feito de palha. Ainda nesse contexto, o autor cita as puxadas na frente das casas, conhecidas como varandas, que eram muitas vezes utilizadas como um cômodo de descanso para os sertanejos, onde amarravam suas redes nas travessas naturais das carnaubeiras. (Castelo Branco, 2004, p.37). Além disso, fala da mobília encontrada nessas casas, que é composta por hastes enfiados no chão e os cepos sendo utilizados como assentos e “mesas” que sustentam as painéis feitas de barro.

Esses materiais e construções promovem uma reflexão da vegetação encontrada no sertão. Ou seja, os habitantes da região exploravam a vegetação encontrada diretamente na sua região, para qualquer que fosse suas necessidades de vivência, assim como da pecuária como já citado neste tópico. Na pecuária não era extraído apenas o couro do gado, mas também de outros animais, de onde fabricavam seus objetos de conforto, entre esses o autor destaca as almofadadas preparadas através do couro de bodes.

Na obra, Francisco Gil aponta essas características do ambiente sertanejo, no qual no início de sua obra destaca um local verde e produtivo, que supre as necessidades dos sertanejos piauienses, ou seja, grandes campos onde o gado pode pastar e os vaqueiros campeiam entre as matas com cuidado sobre esses gados, riachos com a água limpa que serve a tanto para suas criações quanto para seu abastecimento pessoal. Logo no início da obra isso é descrito quando o autor descreve o local onde se encontra a personagem Terezinha, sentada à beira de um riacho cristalino. (Castelo Branco, 2004, 29). O autor descreve ainda o campus onde campeia o vaqueiro Ataliba com grande prazer pelo ambiente e por sua profissão de vaqueiro:

Campinas imensas, unidas como a face do oceano, cortavam léguas sobre léguas, dilatando mil horizontes traçados pelas carnaubeiras, cujas palmas se balouçam airosoas como enfunados estandartes em colunas dóricas. O solo era coberto de uma grama virente e macia, que nutria grandes rebanhos por ali pastando a esmo. (Castelo Branco, 2004, p.46).

O autor transmite ao leitor uma imagem, na qual repassa uma ideia de felicidade dos habitantes locais, onde levam uma vida sossegada em seu cotidiano, sem pensamentos de mudanças, pois é possível perceber de acordo com a leitura o amor dos habitantes pelo local. A paisagem apresentada também é comum ser transmitida em outras obras literárias. O escritor Brasileiro, Euclides da Cunha também traz esse cenário em sua obra, *Os Sertões*, ao descrevê-lo como um paraíso:

E o sertão é um paraíso... ressurgem ao mesmo tempo a fauna resistente das caatingas: disparam pelas baixadas úmidas os caititus esquivos; passam, em varas, pelas tigueras, num estrídulo estrepitar de maxilas percutindo as queixadas de canela ruivas, correm pelos tabuleiros altos em bandos [...]. (Cunha, 2016, p.79).

Nesses cenários apresentados há uma quebra do estereótipo do sertão com uma paisagem exclusiva de seca. Pois, é possível perceber a fertilidade presente no solo. Isso é possível devido ao clima semiárido predominante da região, que traz algumas irregularidades sobre as chuvas e consequentemente para o solo, com os períodos de chuvas e também os períodos de secas que se diversificam no decorrer dos anos, fazendo com que tenha tanto as áreas secas quanto as áreas úmidas. Por isso não se pode deixar de lado as duas características presentes no sertão do Piauí, e isso Francisco Gil deixa claro em sua obra, já que ela acontece dentro desses dois momentos.

No segundo momento de sua obra, o autor revela com ênfase, a imagem da seca que é representada no sertão, trazendo ao leitor as características de um solo seco e infértil, que chega ser até mesmo inabitável, pois revela as mortes tanto dos animais como das pessoas que vivem na região por consequência da falta de chuvas, que faz com que as pessoas tenham que abrir mão de tudo que construíram, de suas casas, seus costumes e culturas praticadas em seu ambiente em busca de melhorias em lugares completamente desconhecidos. Com base nisso, o autor parte da visão de um lugar cheio de vida para uma ideia de uma paisagem macabra, destacando:

As campinas estavam tostadas como se acaso uma torrente de fogo as houvesse sapecado; as folhas enroscavam-se, engelavam-se como se fossem frizadas por um ferro incandescente; as avezinhas abandonavam seus ninhos e os bandos partiam pipilando; as águas decresciam e o gado, mugindo lugubrememente nos campos, tombava exangue. A miséria invadia tudo de um modo sinistro. (Castelo Branco, 2004, 54).

Essa ótica é apresentada em muitas das obras de representação do sertão piauiense, uma ideia monótona de uma paisagem morta. No entanto, a paisagem do sertão é diversa e rica de acordo com as construções sociais, na formação das primeiras capitanias do estado, que se formaram também por meio da coroa portuguesa. “O caminho real do gado foi um dos mais utilizados, principalmente pelos condutores de gado criado na capitania de São José do Piauí e nos sertões da Jacobina. Existiram muitos outros elaborados para dinamizar as trocas sociais, econômicas e simbólicas entre os sertões diversos e o litoral”. (Arrais, 2017 p.419). Ou seja, o sertão piauiense não se remete a uma construção resumida em pobreza, ao mesmo tempo que não deixa de ser real o fato que alguns grupos sofrem consequências de falta de recursos financeiros, não é uma paisagem exclusiva. Isso porque as fases da seca marcaram notoriamente a vida de muitos sertanejos, e é essa problemática, que causou sofrimento a uma parte da população piauiense, que Francisco Gil coloca em sua obra literária, assim como outros escritores também reforçam, entre eles, Jorge Amado, em sua obra *Seara Vermelha*, destaca principalmente a imagem de um sertão extremamente seco, onde retirantes viajam por um longo período de sofrimento a pé pelo sertão em busca de chegar em uma terra fértil procurando trabalho e melhorias de vida. Nesse sentido, autor também descreve o sertão e o sofrimento dos sertanejos da seguinte forma:

Naquele dia não houve água em todo o percurso. O sol escaldava, as pedras da estrada mais pareciam brasas acendidas, as cobras moviam-se entre os arbustos, João Pedro matou uma cascavel com o seu bordão e Tonho apareceu correndo, branco de susto, certa hora, porque encontrara um jararacuçu na estrada. Andavam com cuidado e a sede ia aumentando. (Amado, 2019, p.80).

Apesar desse enredo se tratar especificamente da região da Bahia, não se distancia da visão e da narrativa abordada em, *Ataliba, O vaqueiro*, pois remete a mesma ideia da seca na região do sertão e das dificuldades enfrentadas pela população e pela busca de sobrevivência que ocorre principalmente pela falta de assistência social à sociedade apresentada. Uma vez que são retratadas de maneira esquecida pelas políticas governamentais, sem políticas públicas que beneficie a população que passa sede, fome e muitos acabam morrendo no caminho sem nenhum reconhecimento. Isto repercute a realidade somente dos grupos marginalizados do sertão, por isso o autor releva a denúncia de sua obra literária, pois essas veracidades trágicas que fizeram parte da vida dos sertanejos, ocorrem no período das grandes secas, que causou amplo declínio

populacional devido à falta de chuvas que contribuíssem para a agricultura e a pecuária local. Enquanto os demais grupos sociais conseguiam viver sem precisar abandonar seus lares, pois tenham um reconhecimento de influências políticas e outras formas de trabalho, os sertanejos por outro lado viviam exclusivamente da subsistência por meio da terra e sem amparo governamental.

2.3 Vocabulário sertanejo e as representações culturais

Um ponto de suma importância na obra de Francisco Gil, é a grande representatividade da linguagem sertaneja. Tendo em vista que o objetivo deste trabalho é compreender as contribuições da literatura piauiense sobre o sertão para o desenvolvimento de uma identidade histórica e cultural. Através deste capítulo podemos refletir sobre diversas manifestações culturais apresentadas na obra *Ataliba, o vaqueiro*, nesse viés é essencial abordar a importância e a representação do vocabulário presente entre os sertanejos. Ademais, é notório, que o vocabulário, presentes nas regiões apresentam características identitárias sobre os grupos étnicos e sociais, que muitas vezes tem possibilitado resgatar e valorizar a fala local, assim como impedir que determinados modos de fala sejam esquecidos ao longo do tempo. Isso porque a linguagem juntamente a escrita passam por processos de transformações relacionados ao tempo histórico.

A obra a priori publicada em forma de folhetim, repassa aos seus leitores uma comunicação mais interativa e próxima da realidade das pessoas que estão ligadas à verossimilhança apresentada. Quando se trata de um grupo mais distante do vocabulário tratado através da escrita, a linguagem apresentada pelo autor atua como uma forma de apresentação da diversidade linguística de diferentes regiões. Castelo Branco produz a obra ficcional por meio das lembranças vividas em sua infância, por isso utiliza palavras e gírias típicas da região do Piauí, principalmente quando se trata de grupos interioranos, ou seja, das pessoas que vivem uma realidade mais abastada das cidades e da capital, nesse sentido, a linguagem estabelecida faz parte da cultura local. A escolha linguística de Castelo Branco está profundamente vinculada às suas memórias de infância. Como alguém que cresceu em contato direto com a oralidade dos sertanejos, o autor recria literariamente o ambiente linguístico que vivenciou, transformando a ficção em um espaço de preservação de um modo de falar que, muitas vezes, não aparece nos registros formais. Assim, a linguagem utilizada não apenas caracteriza os personagens, como

também conserva e valoriza a cultura local, funcionando como um testemunho das práticas comunicativas do interior piauiense. Desse modo, ao preencher sua ficção com memórias linguísticas, Castelo Branco enfatiza a riqueza do repertório oral do sertão, aproximando o leitor do cotidiano, da mentalidade e dos ritmos de vida de um grupo que, historicamente, esteve afastado dos centros urbanos. “Identidade está formada a partir da socialização do sujeito com o meio a qual está inserido e é mantendo essa interação que o indivíduo faz uso dos traços culturais presentes em seu meio, como: adágios, elementos religiosos, desafios, traços da oralidade dentre outros”. (Martins, 2016; p.55). A obra, portanto, não apenas narra uma história, mas registra e legitima um patrimônio linguístico e cultural constituído nas vivências infantis do autor e na tradição oral do povo sertanejo.

A comunicação entre os personagens é possível mediante as palavras utilizadas entre eles que desempenham entre si a compreensão de cada termo utilizado, palavras relacionadas aos objetos usados em seu cotidiano e também das palavras utilizadas para se referir ao próprio ambiente como, “quenquem” expressa admiração; “buriti” ou “carnaubeira” empregadas para tratar de árvores de palmeiras; “cojuba” para se referir a uma espécie de cabaça; o uso da palavra “tatu” para indicar uma situação na qual o sujeito leva uma queda; “capoeiro” que caracteriza o animal veado; “cofo” uma espécie de saco de palha que expressa além disso uma prática muito comum na produção de artefatos da região; “cunhãs” expressão usada para se tratar das caboclas ou moças e “gameleira” que expressa a figura de uma árvore ampla. (Castelo Branco, 2004; p.17-18).

As falas entre os personagens sempre se destacam pelas expressões comuns da região que podem causar estranhamento para populações de outros Estados, como da região Sul e Sudeste do Brasil, isto porque são características próprias dos sertanejos piauienses, que desenvolvem e expressam sua identidade. O diálogo entre os personagens durante toda obra é abordado de forma marcante, esta representatividade, mostra a relação entre a linguagem e a cultura popular relacionada a religiosidade, desse modo, Castelo Branco enfatiza em sua obra a comunicação e os vocabulários apresentados:

“- Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, boa-noite, tia Deodata!
boa-noite Sá Teresinha!
- A benção, mamãe! boa-noite Sô Ataliba!
- Pra sempre! Deus lhe dê as mesmas, Sô Ataliba! - Deus te abençoe,
rapariga”(Castelo Branco, 2004; p.37).

A linguagem aborda uma ampla variedade para que seja compreendida a cultura de um determinado povo ou região, contendo em seus elementos os aspectos culturais. Isto

porque a cultura possui uma ligação direta com a língua, que transmite, crenças, os valores e hábitos que são apresentados de forma coletiva entre as populações. (Reis Teixeira, 2015, p.67). É nítido a necessidade da compreensão das características linguísticas do local, para que fique claro a importância e valorização da variedade linguística da região piauiense.

Principalmente porque essas características apresentadas estão diretamente ligadas a população mais interiorana do Piauí. Ou seja, não remete a uma generalização de todo o povo piauiense, mas sim da variedade da linguagem da região, que nesse caso não deixa de ser uma particularidade da identidade que forma os sertanejos que compõem a região norte do estado, enfatizando principalmente o povo sertanejo do século XIX. No viés de que a linguagem também sofre variações com o passar dos períodos históricos.

Para a compreensão da linguagem regionalista nota-se a ligação entre a linguagem e a cultura de um determinado povo. A literatura é reconhecida como uma manifestação cultural na qual o autor faz uma escolha lexical⁶ para os registros da sociedade ao longo do tempo para que seja possível estabelecer uma imagem social e as relações que compõem junto a linguagem. (Ana Célia Coelho et al., 2011, 135). Diante disso, a linguagem popular sertanista que Francisco Gil aborda em sua obra por meio da fala dos personagens, tem um papel crucial para um resgate linguístico que tem como principal função a valorização do vocabulário dos sertanejos assim como um ponto de partida para desenvolver as características culturais das pessoas sertanejas. É essencial levar em consideração que a linguagem trabalhada pelo autor é referente ao século XIX, e que assim como possui influência de gerações passadas também sofre constantes variações que estão ligadas ao modo cultural que permanecem ou se modificam ao decorrer do tempo.

03.A LITERATURA SERTANEJA USADA PARA DENUNCIAR A EXCLUSÃO SOCIAL SOFRIDA PELOS SERTANEJOS PIAUIENSES, NA OBRA ATALIBA, O VAQUEIRO.

Esse capítulo tem como objetivo compreender a economia piauiense, com um olhar voltado para o trabalho do vaqueiro enfatizado o protagonista da obra de

⁶ A noção de *escolha lexical* compreende o modo como os falantes selecionam palavras que expressam sua identidade cultural, social e regional, refletindo práticas linguísticas próprias do grupo a que pertencem (Coelho et al., 2011, p. 135).

Francisco Gil Castelo Branco, já que a pecuária é a percussora para a formação do Estado piauiense. Além de encarar a denúncia sobre a seca e seus principais responsáveis, por fim compreender a importância do escritor para a Literatura e a História.

3.1 Uma análise da economia piauiense relacionada ao trabalho de Ataliba;

Francisco Gil Castelo Branco, escreve sua obra *Ataliba, o vaqueiro*, como uma maneira de denunciar o descaso governamental de uma sociedade vista como marginalizada. Isso porque, essa população está inserida em um estado que se formou originalmente por sertanejos responsáveis pela criação do gado. Diante desse contexto, originou-se também uma ideia estereotipada sobre toda a população que forma o estado do Piauí, relacionando-o a um local de pobreza. Castelo Branco por outro lado, esclarece que há sim pobreza no Piauí, mas que esse fato se faz presente apenas em uma parcela da sociedade que está inserida principalmente no sertão, a pobreza nordestina “não é homogênea”, mas se concentra “no interior árido, onde as condições naturais impõem limites severos ao desenvolvimento econômico” (Furtado, 1959, p. 121–125). Isso é notório porque o protagonista principal de sua obra literária é Ataliba, um vaqueiro que recebe o papel de herói pelo fato de proteger sua família da seca extrema, que assombra a região.

A pecuária que se originou da agricultura principalmente devido ao trabalho nos engenhos adquirido por meio da cana de açúcar, tornou-se um dos principais fatores responsáveis pelo desenvolvimento econômico do Nordeste. (Lemos Alves, 2003, p.66). Além de espalhar essa riqueza para outras regiões com a venda da carne, leite e do couro do gado. Ataliba é um símbolo dos principais contribuintes para a economia, pois foi estabelecido ainda no período de colonização que é papel do vaqueiro o cuidado com o gado. O protagonista da obra de Francisco Gil Castelo Branco é uma representação desse cenário do Piauí. O autor também destaca a influência da mão de obra dos escravizados, que mesmo após a abolição da escravidão, a prática ainda se fazia presente no Estado. Com base nesses fatos o autor escreve:

Há muito que ocupava na fazenda o lugar de **fábrica**, a qualificação que se ali dá ao escravo ajudante do vaqueiro nos estabelecimentos de criação de gado. Servia sob ordens de vários patrões, sendo o último o marido de Deodata falecido havia cinco anos, e a quem substituíra Ataliba nas suas funções. (Castelo Branco, 2004, p.42).

O contexto apresentado revela as relações de trabalho presentes na região, onde o sertanejo junto ao auxílio de um africano são os responsáveis fundamentais pelo trabalho pecuário. Embora a escravidão no Piauí não tivesse a mesma escala que nas regiões açucareiras do Nordeste, ela desempenhou papel importante no funcionamento da economia pecuarista, especialmente nas fazendas de gado, nos currais e no trabalho doméstico. (Mott, 1986, p. 27). Desse Modo observa-se a grande influência da mão de obra dos africanos escravizados dentro da formação econômica do Piauí. Essa perspectiva também é abordada por Tanya Maria Pires Brandão, na qual retrata que no Piauí colonial, o trabalho escravo estava fortemente vinculado às atividades da pecuária e das fazendas, sendo a criação de gado um dos destinos principais da mão-de-obra escravizada. (Brandão, 1999, p. 80–82). Diante desse viés na obra Ataliba, o vaqueiro é possível analisar a referência hierárquica construída no Piauí e a representação das marcas da escravização representadas pelo personagem Cassange.

É nítido que esses trabalhadores contribuíram demasiadamente para o crescimento das fazendas. “À medida que crescia o número de fazendas de gado no Piauí, expandiam-se também os mercados para onde se destinavam os seus rebanhos”. (Lemos Alves, 2003, p.68). Diante desse contexto observa-se que o Estado obteve de um grande crescimento econômico para sua formação. A expansão dessas fazendas foi possível devido as regiões próximas aos rios e riachos além dos pastos verdes para abastecimento do gado. Os fatos apresentados quebram a ideia de uma região pobre, tanto financeiramente quando da fertilidade dos pastos naturais, ou seja, revela a presença de um solo que abastece tanto as famílias sertanejas quanto a criação pastoril. (Lemos Alves, 2003, p.68).

A formação econômica positiva do Estado foi possível devido aos grandes pastos verdes que se formaram na região. “As barras do dia abriam o horizonte; o orvalho cobria as campinas de uma alvura semelhante àquela que deslumbra em uma planície de gelo”. (Castelo Branco, 2004, p. 46). Esse trecho apresentado por Francisco Gil Castelo Branco revela a que a fertilidade do solo possibilitou o crescimento das fazendas de gado, com cada vez mais bovinos saudáveis, que consequentemente

alavancaram a renda. A contribuição para esse fato foi possível tanto pelo solo produtivo, quando pelo trabalho crucial do vaqueiro. Isso porque, é o vaqueiro que está à frente de todo o desenvolvimento da economia local desde as primeiras fazendas, onde domina todo o gado, cuidando da saúde dos animais e da sua alimentação, limitando do que os bovinos podem ou não se alimentarem. O zelo com o rebanho ocorre devido as campeias diárias dos vaqueiros nos campos ao observarem os locais onde os gados pastam. Nesse contexto, o trabalho do vaqueiro torna-se cada vez mais árduo com a chegada do período de estiagem, no qual é necessário deixar os animais mais livres nas chapadas.

As crises econômicas não são fatores singulares do Piauí, mas se fazem presente no decorrer da história de todo o país, que podem ocorrer por diversos fatores. Porém, ao longo da história do Brasil o Estado do Piauí recebeu destaque em seu desenvolvimento, gerando uma ideia padronizada de uma região de baixa renda econômica. É fato que o gado teve a primeira queda na segunda metade do século XVIII. (Lemos Alves, 2003, p.72). O autor de *Ataliba, o vaqueiro* relata de forma detalhada a causa natural da problemática:

As campinas estavam queimadas e apinhadas de ossos e arcabouços. Os cardumes de moscas varejeiras, mosquitos e vermes asquerosos zumbiam e pulavam em torno destes rostos repugnantes, que envolviam, carcomiam e consumiam. Os animais com as narinas dilatadas, espirando o ar, e as línguas pendentes, uivando e estorcendo-se, cada instante caíam e morriam desesperados. (Castelo Branco, 2004, p.68).

É perceptível nesse trecho o cenário catastrófico do sertão piauiense durante a grande seca apresentada pelo autor. Além desse viés é possível analisar que há uma porcentagem intensificada das mortes nas fazendas afetando substancialmente os rebanhos. O problema relatado ultrapassa as causas naturais e passa a entrar em uma perspectiva social e política, pois nota-se a carência de investimentos com relação a população da região.

3.2 A denúncia literária sobre a seca na obra *Ataliba, o Vaqueiro*:

O Piauí é um estado pioneiro para a economia brasileira, principalmente pelo seu destaque pecuário. Porém, o poder político usou as crises desse setor como uma maneira de idealizar um ambiente de miséria, como forma de adquirir mais verbas governamentais para o Estado:

A pecuária estava obrigada a criar um esquema de autosubsistência, o que a afastava da condição básica do desenvolvimento no quadro da economia colonial que era a produção para a exportação. Para sobreviver e se consolidar, a pecuária piauiense criou uma capacidade de infensibilidade às crises do mercado consumidor superior à capacidade das outras áreas da pecuária nordestina, essa infensibilidade às crises gerou a necessidade de se recorrer à formas de produção econômica ainda mais primitivas que a de outras zonas do Nordeste pecuário, caracterizado por economia sazonal, itinerante, extensiva, etc.(Sousa, 2007; p. 05).

A literatura por muito tempo trouxe a representação da fragilidade da economia local, relacionando-a a uma causa natural, devido às secas presentes na região, isso acabou impulsionando uma ideia de sofrimento vivida pela população local. Não é inegável essa ideia, no entanto esse não é padrão geral da vida dos cidadãos. A dor, o sofrimento, a fome, a sede, a morte são marcas presentes no Estado do Piauí, que deixou cicatrizes de forma exacerbada em uma parcela populacional, ou seja, as pessoas que se localizavam a margem da sociedade. Os sertanejos que viviam nas regiões mais afetadas pela seca, obrigados a saírem de suas casas, deixando para trás suas casas, sonhos e sua cultura. Partindo com esperança de melhores condições de vida.

O cenário miserável do Estado apresentado, está presente em muitas obras da literatura brasileira, inclusive na obra *Ataliba, o vaqueiro*. O autor escreve seu livro destacando a seca como a vilã, de modo que é caracterizada como uma causa natural. Isso porque, os personagens lutam para vencer e sobreviver à uma das secas que mais deixaram cicatrizes na história regional. Ataliba por ser o protagonista na narrativa tenta salvar os seus familiares das consequências trazidas pela falta de chuvas, de modo que, sua última opção seria sair de seu local de origem, no qual tanto preza pela profissão que exerce. Sabendo ainda do sofrimento exagerado que ele e seus

familiares podem sofrer ao viajarem como retirantes, além de uma ótica social no qual poderia ser visto como incompetente na sua função de vaqueiro e do homem provedor da família:

O vaqueiro mostrava-se resoluto em não abandonar os seus deveres, sem que o impossível paralisasse todos seus esforços. Em circunstancias tão críticas, sem covardia e deslealdade, pensava ele, desprezar a propriedade alheia que lhe fora confiada, quebrar a sua nobre aguilhada, renunciar às provanças e fugir como qualquer desses caboclos descuidosos, que vivem na ociosidade, dormindo, caçando e levando a rede de galho em ganho, para debaixo das árvores carregadas de frutos ou para junto dos folgedos. (Castelo Branco, 2004, p.54-55).

O autor esclarece o protagonismo de Ataliba, a angustia do personagem enfatiza as verossimilhanças entre ficção e a vida. O medo de abandonar sua terra e costumes que lhes foram ensinados, a perspectiva de chegar a um novo local que soa como um outro mundo, diante de uma realidade divergente da que tem costume, o assombro se remete a uma ideia da quebra de uma cultura que prevalece por gerações. No sertão do Piauí em uma cultura de domínio masculino, na época, passa a ser uma grande responsabilidade que o personagem tome tal decisão. O sertanejo vive um lema de pura insegurança, por desejar permanecer em seu local de origem e esperar que o tempo ruim passe, na esperança de que chegue o período de chuva, mas a realidade dura da seca mostra que na região pode não haver chuva e as poucas reservas alimentícias podem acabar fazendo com que acabem morrendo de fome e sede. De outro lado a segunda e última opção vista pelos personagens é o fato de viajarem pelo sertão com o pouco que lhes sobra de alimento e água, com o risco de não sobreviverem a viagem exaustiva.

Nesse sentido, depois de muito esperar que os dias de chuva cheguem, e não ter sucesso, a maioria dos sertanejos, assume a grande responsabilidade de sair como retirantes pelo sertão, em busca de sobreviver ao grande período de seca e de resgatar sua família. Assim como acontece na obra apresentada neste trabalho. Castelo Branco relata outros viajantes além dos protagonistas da obra, como uma maneira de expressar que esses desafios foram enfrentados por inúmeras famílias. Diante do contexto apresentado, o autor relata e o que era levado pelos sertanejos que partiam como retirantes da seguinte maneira:

Via-se lhe a tiracolo a espingarda lazarina e um embornal contendo um frasco de cachaça, uma cabacinha de pólvora e outra de chumbo; na cintura trazia o seu **paraíba**, isto é, um facão de má qualidade, metido na bainha de sola; o cabo de uma faca sobressaía do cós da ceroula de algodão, que lhe vinha arregaçada até os joelhos; o gibão, atado ao pescoço por duas correiazinhas, pendia-lhe negligentemente sobre as largas espáduas como uma capa de cavaleiro andante da idade média: o seu chapéu de couro caía-lhe desabado, e na mão direita o caçador empunhava um rijo bastão, com o qual firmava os seus passos ou desbastava a pegada do caminho. (Castelo Branco, 2004, p. 57).

O autor explora em sua obra que os sertanejos viajavam de forma precária. A viagem era feita diante de muito sofrimento já que tinham poucas reservas de alimentos e água, levavam consigo o pouco que tinham e lhe podia ser útil. A espingarda servia como um instrumento de defesa com relação aos perigos da viagem. O gibão era o uniforme de orgulho do sertanejo e vaqueiro do sertão, por isso era levado como algo de muito valor. Castelo Branco também afirma, “Ele trazia ao ombro, na ponta de um cacete, o seu surrão contendo toda sua riqueza, a rede e a viola que estava sem cordas e muda no competente saco”. (Castelo Branco, 2004, p56). É notória a simplicidade dos sertanejos que viajavam. Partiam sem a base para sobrevivência, e diante desses desafios o sol ardente deixava a viagem cada dia mais difícil, pois durante os dias de viagem seus mantimentos acabavam, fazendo com que a fraqueza tomasse conta dos retirantes e muitos acabavam morrendo no meio da viagem:

Entre as contradições e fragilidades que marcam a vida neste território, a estiagem pode ser destacada como um dos principais fenômenos da natureza que acentuam os problemas sociais da região, levando-a a apresentar os mais elevados índices de pobreza do país. Convém ressaltar, no entanto, que esses problemas sociais não decorrem, em última instância, das especificidades naturais regionais, pois, esses personagens que o habitaram interagiam e criavam astúcias de convivência com esse ambiente. (Buriti; Aguiar, 2008, p.09).

Por essa ótica, compreende-se que o período de seca era temido pelos sertanejos, porque também é um clima que faz parte da região que os sertanejos conhecem e tem suas habilidades de adaptação para esse período, plantam durante o período de chuvas e abastecem suas famílias com essa produção. O problema central abordado não está concentrado exclusivamente à uma causa natural e sim a uma base política que colabore

com a população que está à margem social. Durante a obra de Francisco Gil Castelo Branco, não aparece um contexto político, somente os personagens lutando contra um fenômeno natural, e o autor destaca a seca como a vilã, no entanto a obra representa a denúncia de uma sociedade que se encontra sem amparo político, onde precisam lidar sozinhos com o problema para sobreviverem, “A seca, por si mesma, não explica o caráter catastrófico das crises periódicas no Nordeste; é a estrutura social que produz a tragédia.” (Furtado, 2009, p. 57). Isto é, os governantes usam essa problemática como uma forma de publicar uma ideia de crise econômica no Estado para que cada vez mais sejam adquiridas verbas, mas que a população não se beneficia de tais recursos. A escritora Rachel de Queiroz também destaca a problemática em sua obra *O quinze*, na qual afirma a revolta do personagem Chico Bento ao tentar conseguir as passagens para fugir da seca com sua família, mas não tem sucesso, além de ser direcionado para fazer o percurso em uma viagem exaustiva junto a sua família de cinco crianças. “Ajudar, o governo ajuda. O preposto é que é um ratuíno... Anda vendendo as passagens a quem der mais”. (Queiroz, 2023, p. 40). A indignação do personagem é referente à um sentimento de exclusão, onde se ver totalmente sem apoio, e a frustração de que quanto mais se precisa menos é visto dentro no âmbito social. O mesmo ocorre na obra *Ataliba, o vaqueiro*, pois na obra não compõe uma figura política como ponto de apoio para a população sertaneja.

A situação de pobreza dos sertanejos apresentada na obra literária *Ataliba, O Vaqueiro* se caracteriza pela seca prolongada que possibilita o enriquecimento dos grandes proprietários rurais e dos políticos, que, historicamente se beneficiam dos recursos financeiros que o governo federal encaminha para a região, originando aquilo que se convencionou intitular como “indústria da seca”. (Matos, 2012, p.05). Longe de anacronismo, a “indústria da seca” se faz presente desde as primeiras crises enfrentadas pela população nordestina, visto que o problema da fome enfrentada durante esse período, está ligado diretamente à desigualdade social, pois os sertanejos, população que está à margem da sociedade piauiense, são excluídos dos benefícios que deveriam adquirir por meio do governo do Governo Federal. Enquanto a elite, que faz parte da região do sertão, não sente a necessidade de se deslocar para outras áreas ou não enfrentam as dificuldades de locomoção como a população mais pobre, que realizam o trajeto caminhando pelas veredas da caatinga. Dentro dessa circunstancia Matos afirma:

Assim, o nordestino seria, antes de tudo, um retirante, alguém que estaria fugindo de uma terra-mãe malvada e hostil, um filho rejeitado, incapaz de sobreviver mesmo no seu torrão natal, um flagelado à procura de exílio. Ao mesmo tempo, seria alguém perigosamente esperto e preguiçoso, pois “sugava” parte considerável das verbas governamentais, custeadas pelos moradores de outras regiões, e, em sua maior parte, desviadas pelas elites regionais e locais nordestinas para seus empreendimentos particulares e para suprir suas necessidades individuais. (Matos, 2012, p.05).

Nesta circunstância, compreende-se que a estiagem é um período que dentro do contexto geográfico, é esperado pela população, pois está ligado ao clima regional, o maior problema a ser enfrentada socialmente, é que as verbas governamentais nos períodos de grandes secas não são suficientes para abastecer a população, e a parte que é ofertada é distribuída de forma desigual. Tendo em vista que, os grandes proprietários das fazendas, usufrui da maior parcela de distribuição, contribuindo para a criação de uma crença generalizada de que o Piauí é um local de seca, pobreza e carência. Desse modo, Francisco Gil Castelo Branco, escreve sua obra como uma maneira de denunciar essa problemática, no entanto, por ser um romance não cita o poder político como o contratempo principal e enfatiza a seca como vilã de sua obra, onde caracteriza como um problema natural, retratando seus protagonistas de maneira ingênua e com pouco conhecimento da barreira enfrentada:

Mas o no nosso sertanejo faz exceção à regra. A seca não o apavora. É um complemento à sua vida tormentosa emoldurando-se em cenários tremendos. Enfrenta-a, estoico, apesar das dolorosas tradições que conhece através de um sem-número de terríveis episódios, alimenta a todo o transe esperanças de uma resistência impossível. (Cunha, 2016; p.148).

Na tradição literária nordestina, o sertanejo é frequentemente apresentado como um indivíduo profundamente marcado pelo ambiente em que vive. Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, constrói essa imagem de maneira detalhada, mostrando como a vida no sertão semiárido molda o caráter e a experiência de seus habitantes. O sertanejo aparece como um homem resignado, acostumado a enfrentar as condições adversas de um território castigado por secas periódicas, solos áridos e paisagens inóspitas. Essa constatação não se limita a uma observação física ou geográfica: ela também descreve um efeito

psicológico e social, pois o sertanejo aprende desde cedo a lidar com o sofrimento e as dificuldades, desenvolvendo uma resistência notável às intempéries da vida, mas sem possuir a percepção crítica das estruturas políticas, econômicas e sociais que perpetuam sua vulnerabilidade.

Diante desse contexto, Os personagens, criados por Castelo Branco mantém a esperança em um poder divino, “Ataliba por fim ajoelhou-se e com a voz entrecortada de pranto em tom alto e cheio de unção, começou a rezar, repetindo todas as orações que aprendera na infância”. (Castelo Branco, 2004, p.74). Expressando a influência de uma catequização social voltada para uma educação jesuítica a qual se fez com maior desenvolvimento do conhecimento aos grupos elitistas, mas que abrange maior parte da sociedade sertaneja influenciando também a população carente. Entretanto, a maior persuasão se direciona à fé cristã. Essa linha tênue da literatura ligada à história enfatiza o poder das elites, uma vez que, o Piauí foi a das últimas capitâneas a serem formadas e teve grandes impasses para receber escolas, no viés de que a educação no local aconteceu de maneira lenta, onde os governantes não priorizavam a ação educacional. (Gomes; Fontinele; Neto 2006; p.77). Este atraso respectivamente, se faz presente com relação ao desenvolvimento educacional relacionado ao âmbito social, fazendo com que os grandes proprietários de terras acabassem tendo domínio das verbas políticas proporcionadas pelo governo, de modo que conhecimento se concentrava na elite os sertanejos tornam-se vulneráveis ao sistema político que envolve a seca. O que contribui também para que a imagem do Piauí seja construída pelo grupo elitizado. O fato de as verbas governamentais estarem relacionadas à uma aristocracia, colaboram para que os trabalhadores, donos da força de trabalho, acabem tendo sua mão de obra desvalorizada. Assim Matos destaca:

Fazendo alusão a essa realidade social catastrófica e desoladora, o discurso da seca esconde a dimensão sociopolítica da seca, de modo especial a práxis social de captura e desvio de recursos assistenciais-emergenciais do governo federal, de aproveitamento da mão-de-obra fácil e barata, de exploração das crianças e adolescentes, de alta de preços, etc. (Matos, 2012, p.08).

Frente a esses aspectos os retirantes vira-se obrigados a abrir mão de parte da sua cultura e costumes e viajassem para outras regiões em busca de novas oportunidade de trabalho e sobrevivência. Levando em consideração que uma parte dessa população se

encaixa no quadro de analfabetismo, aumenta a exploração do trabalho e consequentemente a desigualdade social.

Outro ponto valioso a ser mencionado, é que a problemática da seca na região também ocorre por influência humana, com relação ao índice de desmatamento tanto para agricultura como para a pecuária comandado principalmente pela elite piauiense, (Buriti; Aguiar; 2008, p.09). Além disso, explora a população sertaneja para executar tais trabalhos relacionado a terra. Pois, os sertanejos trabalham na profissão de vaqueiro para os grandes fazendeiros recebendo pouquíssimo para sua sobrevivência e o sustento da família e quando chega o período de seca ficam totalmente desamparados. Dentro do cenário político os sertanejos não eram vistos como pessoas boas, o governo e a elite social, ver os grupos retirantes que saem do sertão de forma negativa:

Os próprios sertanejos eram pejorativamente chamados de “flagelados”, que “invadiam” os grandes centros urbanos como “desocupados” que se tornavam uma “ameaça” à “ordem” e à higiene enfaticamente propalada pelos médicos e sanitaristas daquele período. (Buriti; Aguiar; 2008, p.12).

O personagem Ataliba compreende essa visão social, pois um dos medos que lhe envolve na obra é o de ser visto como fugitivo e covarde. “Ele não aceitaria semelhante conduta; ainda havia recursos, ainda podia resistir; resistia, pois, com a coragem de que era dotado o seu caráter inabalável e brioso”. (Castelo Branco, 2004, p.55). Apesar dos governantes não procurem melhorias e suporte para a população sertaneja, criaram uma ideia social de que esses grupos de retirantes eram uma ameaça para a imagem das cidades que estavam sendo construídas. As elites dominam a economia piauiense por meio do trabalho dos sertanejos, provocando os problemas ambientais, isso porque, as verbas adquiridas pela classe dominante, é obtida por meio da exploração sertaneja e consequentemente pela exploração do meio natural, influenciando no clima regional, com processo de desmatamento e queimadas principalmente para as grandes fazendas que tem como base a pecuária. (Buriti; Aguiar; 2008, p.10). O desmatamento influencia tanto quanto as queimadas na região que já tem como característica o clima semiárido. Porém quem sofre as maiores consequências desse fato são os sertanejos marginalizados que lutam para sobreviver diante desses fenômenos.

3.3 A contribuição da literatura e do escritor piauiense para a história local:

A obra *Ataliba o vaqueiro*, remete ao leitor uma visão crítica sobre às causas e consequências das secas piauiense, relatando de maneira indireta que há carência de participação política para melhorias na vida dos sertanejos, de modo que mostra o sofrimento da população sertaneja sem amparo de um apoio governamental. O romance apresentado pelo autor tem um final trágico com a morte dos três personagens principais, Deodata, Teresinha e Ataliba, além da loucura do personagem Cassange. Isso porque, sua obra literária foi usada como uma maneira de denúncia do sofrimento dos sertanejos e das grandes mortes durante os períodos da seca.

Nesse contexto, é notório a ligação presente entre a literatura e suas contribuições históricas. Francisco Gil Castelo Branco aborda sua literatura de maneira verossímil, ou seja, com uma relação entre a ficção e o real, relatando um cenário com as características físicas e sociais do período de seca. Os personagens são usados como uma maneira de denunciar a realidade de uma classe social presente no período histórico, de uma das secas que mais apresentaram tragédias sociais marcada entre 1877 e 1879. *Ataliba* é usado para “retratar a vida do sertanejo piauiense e denunciar a realidade social do período histórico” (Rodrigues, 2015, p. 42). O autor apresenta durante a obra a cultura regional, assim como a problemática destacada, na qual relata as consequências da seca que marca a sociedade piauiense como a sede e a fome. Além de mostrar os efeitos físicos e psicológicos de um período em que a população ficou totalmente desamparada.

No entanto, entre essa perspectiva pode ser descartado que há também uma linha divisória entre a história e a literatura, a qual separa-se dois campos, o ficcional que envolve a literatura e o das verdades buscadas pelos historiadores, “na história, o compromisso é com a verdade – uma verdade que depende de adjetivações”. (Pimentel Pinto, 2024, p.10). Nesse contexto, é importante destacar que esse trabalho se trata de uma relação entre a história e a literatura em que há uma verossimilhança, que não anula a linha de separação entre essas duas vertentes. Francisco Gil Castelo Branco relaciona o romance apresentado como uma maneira de trabalhar um problema social vivido dentro de um tempo histórico, mas que os personagens e o enredo parte de um campo fictício, ou seja, surgem de um imaginário, que está ligado de maneira indireta com um problema histórico. Problemática que aparece de forma pioneira na região do Piauí, incluindo a forma detalhada das características climáticas do sertão que predomina grande área do

Estado, assim como os aspectos culturais dos sertanejos. Dessa maneira explica-se a relação entre os campos trabalhados da seguinte maneira:

“Refletir” e “espelhar” são metáforas que sugerem que a razão, a “luz”, assegura-nos acesso à realidade – só há reflexo e espelhamento se houver luminosidade. Falar em “reflexos” “e espelhos” também nos leva a acreditar que é possível ultrapassar todas as mediações e as refrações, os desvios da luz, e enxergar exatamente o que ocorreu num dado tempo e lugar, como se houvesse motivos e significados próprios do referente a experiência passada”. (Pimentel Pinto, 2024, p.24).

O trabalho de Francisco Gil Castelo Branco é lançado à priori em forma de folhetim, onde os leitores esperavam com emoção por cada novo lançamento. Esse fato, mostra o quanto a ficção e os sentimentos propostos pelo autor causam impacto em seus leitores. De modo, que o público sente entusiasmo pela leitura ao invés de buscar compreender de forma direta a realidade dos sertanejos que vivenciam na pele as consequências da seca na região. É crucial ressaltar a importância da interpretação já que o ato de interpretar está ligado as duas vertentes, ou seja, a interpretação está relacionada tanto com a história quanto com a literatura, isso porque antes mesmo de cada historiador têm-se um leitor. A leitura é que leva o historiador às suas interpretações e verdades de um tempo presente ou passado. (Pimentel Pinto, 2024, p.21). *Ataliba o vaqueiro* é uma obra guiada pela ficção, mas que dada à leitura e interpretação há ligação direcionada a um campo da história sem anular a diferença entre as verdades e imaginação. Isso porque, por meio da imaginação do autor para escrita da obra é retratada a vida dos sertanejos, as migrações dos retirantes durante os períodos de seca, registra os efeitos sociais do fenômeno histórico da falta de chuva na região do Piauí e engloba os costumes e cultura da população sertaneja. A narrativa organiza os eventos em uma totalidade significativa, permitindo compreender a experiência humana no tempo. Por meio da narração, as experiências particulares são articuladas em uma trama que revela sentidos e relações sociais, culturais e históricas que não seriam evidentes apenas pela análise factual dos acontecimentos. (Ricoeur, 1984, p. 52).

A cena que retrata a morte de Deodata em um momento de pura fragilidade, melancolia e desespero, é voltada à uma inspiração do imaginário do autor que comove e emociona o leitor. No entanto isto se refere à um determinado período que assombra

grande parcela da sociedade sertaneja do Piauí. Diante desses aspectos o autor descreve a momento do falecimento da personagem da seguinte forma:

Com efeito, Deodata estava hirta, com a boca semi-aberta, arroxeados os lábios, os olhos arregalados injetados, dilatados, vidrentos, o rosto afogueado e as mãos regeladas, via-se ainda o sulco de duas lagrimas que rolam pelo semblante do moribundo, quando exala o derradeiro suspiro. (Castelo Branco, 2004, p. 74).

O momento catastrófico narrado pelo autor não tem uma incumbência com a realidade, é mostrada de acordo com sua criatividade, trata-se de uma forma de prender e comover seus leitores com o trágico momento. Parte ainda de uma forma de transmitir reflexões sobre o fato ocorrido, com essa perspectiva encaminha o leitor há reflexões mais profundas, fazendo com que tenha interpretações de dores e momentos que podem alcançar a vida de um determinado grupo social com da aproximação de um mundo de ficção, mas que com a colaboração dos detalhes nítidos manifestados na escrita geram pensamentos voltados à realidade. Neste viés a abordagem etnográfica ajuda a compreender as complexas interações entre o ambiente, sociedade e a memória cultural que molda a vida deste grupo populacional localizado no sertão piauiense. (Rodrigues, 2003, p.06). Nesse contexto, pode-se ressaltar a seguinte cena apresentada por Francisco Gil Castelo Branco:

Uma variedade de florzinhas mimosas cobriam esses planos de admiráveis e mais precioso do que o mais perfeito tecido dos célebres tapetes de Gobelins – lindas borboletas esvoaçavam por todos por todos os lados, e uma aluvião de canários prestos catavam as sementes das vassourinhas e outras ervas, enquanto os sabiás, os xexéus, o corrupção ou o **sofrer** gorjeavam entre os leques do palmeiral, ouvindo-se constantemente o melancólico canto das seriemas e a nota profunda e extensa que solta do monstruoso ninho e a ema bravia ou avestruz brasileira. Pela manhã e à tarde o céu tingia-se de cores vivas e resplandecentes, destacando-se um fundo azul que, pouco a pouco, até ao meio-dia, se se tornava diáfano como se fosse dobrado de uma cúpula de cristal. (Castelo Branco, 2004, p.46).

É notório que o autor apresenta características do sertão em um momento fora do período de seca, e que as características da escrita, é retratada de uma maneira romântica, visto que descreve a paisagem com traços que despertam emoções subjetivas no leitor causando um sentimento de melancolia, na qual o leitor pode sentir uma conexão com a imagem descrita. Cabe mencionar também que o autor faz uma descrição não somente da flora, e inclui a fauna, fazendo com que seja observado o ambiente e os animais que são adaptados em determinado local de acordo com o período, como é o caso das emas e seriemas que são aves adaptadas à região do sertão.

Castelo Branco aborda em sua obra, as características da cultura da população sertaneja, essa situação comprova que a literatura piauiense retrata as paisagens, a natureza exuberante e as condições de vida no sertão. Na escrita de Francisco Gil Castelo Branco é possível perceber que o escritor piauiense descreve tanto a beleza quanto os desafios da região, e enfatiza essas características em sua obra literária transparecendo as condições de vida dos sertanejos, além de suas tradições, costumes e a essência do sertão. Dada essas características podem-se ressaltar:

Toda narrativa é, fundamentalmente, temporalidade passada ou presente, sucessão de acontecimentos que ocorrem a um indivíduo-personagem, que deve agir num determinado espaço e contracenar com outros personagens. Ao lado disso, por menor, mais frouxo, ou menos incapaz que seja, o discurso narrativo sempre cria, inventa uma representação verossímil de mundo, o que significa que ela expressa também um imaginário e uma mentalidade, ou visão de mundo ou ideologia, esta última no sentido comum do termo. (Vicentini⁷, 2007, p. 187).

É importante observar que obra de Francisco Gil Castelo Branco, foi criada com um imaginário fantasioso, mas trata da verossimilhança, com as características da cultura da região sertaneja, assim como os traços culturais apresentados pelos personagens de sua obra que também não se distanciam do grupo social localizado na área do Piauí. Desse modo, o autor contribui por meio da ficção para uma compreensão do desenvolvimento territorial e social da região sertaneja. Isso porque, desempenha em sua obra traços vivos

⁷ VICENTINI, Albertina. No artigo *Regionalismo literário e sentidos do sertão* (2007), a autora analisa como a literatura organiza eventos em uma temporalidade e constrói um mundo verossímil. Para ela, o discurso narrativo não apenas descreve acontecimentos, mas também expressa imaginação, mentalidade e visão de mundo, refletindo valores, ideologias e interpretações sociais.

do grupo social que compõem o local, desempenhando tanto os pontos positivos como os negativos das pessoas que abitam o sertão, tendo como características de positividade para a cultura rica em culinária, danças, música e religiosidade, por outro lado, são vítimas de uma desigualdade social que causa sofrimento à margem social durante o período das grandes secas. “O sertão avulta como local de vida heroica ou trágica, de vida salutar e genuína, ou de vida identitária. E outros tantos, que salientam uma perspectiva romântica, ou realista, ou conservadora, ou de denúncia social, ou determinista”. (Vicentini, 2007, p. 1879). Diante dessa ideia o autor trabalha sua escrita, na qual abre caminhos para conceitos e interpretações de sua denúncia literária que envolve uma problemática da sociedade piauiense no âmago de sua temporalidade que desempenha as características contribuintes para o molde de uma identidade local. Ainda nesse viés Vicentini aponta:

Mas essas parselhas também não são específicas da literatura, porque fazem parte do pensamento histórico e social propriamente dito, que as reelabora em termos políticos, sociais, econômicos, uso de poder, distribuição, reconhecimento etc., para servirem justamente de esteio à verossimilhança do mundo representado que a literatura regionalista nos dá a conhecer. (Vicentini, 2007, p. 1890).

O compromisso de Castelo Branco é com a literatura, entretanto, a construção da obra *Ataliba, O Vaqueiro*, tem uma base de conceitos e estudos sociais dos sertanejos para a criação de cada personagem, assim como as retratações geográficas do âmbito social apresentado. Exemplos disso são as características físicas e valores sociais do personagem Ataliba, a valorização da mocidade de e comprometimento de Teresinha, o apreço de Deodata pelo local de origem e de decorrência de sua vida, assim como os costumes praticados pela família. Além das práticas e representação do personagem Casange que já foram detalhadas nesse trabalho respectivamente.

O autor percute a preservação da memória relacionada ao ambiente sertanejo, no qual deixa claro o contexto do que é o sertão piauiense, portanto a espacialidade trabalhada preserva o conceito de que o sertão está diretamente ligado à uma zona distante do meio urbano, onde formou-se a sociedade piauiense, ou seja, o sertão produz uma base para a formação histórica do estado do Piauí por meio tanto das entradas quanto das bandeiras. (Vicentini, 2007, p. 1879). A obra resguarda a história da construção da cultura social que se faz inerente a linguagem e o modo de vida da população que se estabeleceu em uma zona rural, dedicada a agricultura e principalmente a pecuária. Valoriza o contexto

histórico do papel primordial do vaqueiro e do gado, para abitar e preservar a terra propícia para a criação dos rebanhos bovinos, dentro do contexto político de colonização do Brasil, fazendo com que o local fosse mais produtivo.

O sertão referente a construção social do país demasiadamente foi visto como um local de precariedade e carência, as pessoas que habitam a região são enxergadas como incivilizados, ou seja, teve em sua elaboração uma ideia negativa tanto do território quanto da poluição, além de um ideal de atraso ainda na formação da província do Piauí. (Alves de Carvalho, 2011, p.26). Levando esse aspecto em consideração, é possível notar que a literatura escrita por autores como Francisco Gil Castelo Branco provoca uma quebra desse estereótipo, pois enfatiza dentro de um contexto histórico a riqueza cultural da poluição sertaneja, mostrando também que a região não se forma por uma vegetação única e estrita de seca e pobreza. Nesse viés, pode-se apontar:

O historiador não tem outra ambição que analisar bem os fatos e compreendê-los com exatidão. Não pode procurá-los na imaginação ou na lógica; procura-os e atinge-os através da observação minuciosa dos textos, como o químico encontra os seus, em experiências minuciosamente conduzidas. (Le Goff, 1996, p.107)

Os aspectos apresentados estão relacionados com a história, assim como com a preservação da memória de uma identidade sertaneja, que não se resume em seca e pobreza. Pois, se destaca no enredo ficcional uma ligação com contexto social da população sertaneja, envolvendo tradições inseridas na região do Piauí.

Ademais, destacar-se como ponto crucial, a preservação da memória e sua contribuição para a historiografia. Dentro desse parâmetro, enfatiza-se a obra estudada nesse trabalho, como uma forma de pensar sobre a contribuição literária de Francisco Gil Castelo Branco para a memória relacionada aos sertanejos piauienses. A memória é de grande importância isso porque é fundamental para as organizações do conhecimento das ações humanas, assim como o cruzamento coletivo entre as manifestações da humanidade individuais ou coletivas. (Le Goff, 1996, p.11). O autor de *Ataliba, O Vaqueiro* inclui em sua obra ficcional características do modo de vida sertanejo, colaborando, dessa forma, para uma preservação e valorização da cultura de um povo marginalizado.

Portanto, a escrita literária de Francisco Gil Castelo Branco contribui demasiadamente para compreender o ambiente sertanejo, a sociedade que compõe determinado meio. Isto se faz possível através das características verossímeis com a história piauiense do período de 1877 a 1879, de acordo com a análise da obra. Dessa forma, compreende-se os aspectos sociais, culturais econômicos e políticos. Esta análise contribui para a compreensão histórica, a valorização da escrita local, assim como o entendimento da contribuição de *Ataliba, o Vaqueiro* para a memória da cultura regional.

04. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A pesquisa revela, portanto, as riquezas culturais presentes no sertão piauiense, abordando aspectos culturais, sociais, econômicos e ambientais da região, através de uma análise da obra literária de *Ataliba, o vaqueiro* de Francisco Gil Castelo Branco. Este trabalho contribui também para uma valorização dos escritores piauienses, é notório ainda a importância da relação entre história e literatura.

De acordo com o contexto cultural da obra a pesquisa ressalta características da cultura piauiense por meio das construções das casas, o modo de vestir do vaqueiro, personagem que é apresentado com muito destaque no trabalho, analisa-se a culinária, as festividades, as músicas na qual se sobressai o repente, a cultura religiosa, assim como o vocabulário muito rico da região. Outro ponto de suma importância apontado na obra é o social que está intrinsecamente ligado ao econômico, pois é possível observar a desigualdade populacional, uma vez que os sertanejos piauienses se encontram à margem de uma sociedade preconceituosa e excludente. Analisa-se ademais questões ambientais da região do Piauí, observando cenário apresentado que geograficamente é predominante do local como a fauna e flora da região com plantas que se adaptam aos processos de transições climáticas. Dessa forma, o trabalho destaca as divisões de dois momentos presentes no Piauí, relatando aspectos particulares do local no período de chuva e sua transição para uma grande seca, observando o modo de vida dos sertanejos.

A escolha da obra, *Ataliba, o vaqueiro*, foi feita por meio da necessidade de maior valorização de escritores locais, e por Francisco Gil Castelo Branco apresentar em seu livro aspectos riquíssimos da cultura local e do ambiente com as variações climáticas. Contribuindo demasiadamente para o objetivo deste trabalho, que visa apresentar a contribuição da literatura piauiense sobre o sertão para o desenvolvimento de uma

identidade histórica e cultural do Piauí, apontando as tradições, costumes e os desafios apresentados na literatura sertaneja. Dentro de uma análise das verossimilhanças entre história e literatura.

O fato da obra *Ataliba, o vaqueiro* se tratar de uma denúncia contra a desigualdade social, por falta de políticas públicas governamentais que incluía o povo sertanejo durante os períodos de seca levou ao entendimento de que os sertanejos assim como os personagens da obra se encontravam tendo que lidar com a situação climática, sozinhos, Francisco Gil Castelo Brando amplia essa referência exatamente por não incluir uma figura política em seu livro o que revela a essa carência de assistência política aos sertanejos e, colocando a seca como vilã, visto que ela é um fator climático que muitas vezes ampliado pelos próprios indivíduos a mando da elite, sendo ela regional ou não. Compreende-se que no decorrer deste trabalho tais desigualdades estão presentes na sociedade desde o processo de formação do Estado do Piauí e é por meio desse contexto que surge as dificuldades enfrentadas pelos sertanejos que são ricos em sua cultura regional, mas acabam sofrendo ideias de preconceitos por fazerem parte de uma margem da sociedade, debate este que pode ser desenvolvido de maneira mais profunda em uma pesquisa futura.

Sendo assim, o trabalho se destaca principalmente por apresentar a cultura local dos sertanejos do Piauí, por meio de uma rica obra literária, a qual foi escrita por um autor que faz parte da região, onde mostra com clareza a identidade histórica e cultural, apresenta o sertão de acordo com seus aspectos climático, além de revelar a importância de compreender e valorizar os costumes dos sertanejos piauienses. Diante dos pontos apresentados é notório a grande importância dos escritores literários do Piauí tanto quanto as influências históricas apresentadas na literatura.

05. REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, Mauro W. Barbosa. *Linguagem regional e fala popular*. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 8, n. 1-2, p. 171-181, 1977.
- ALVES, Vicente Eudes Lemos. *As bases históricas da formação territorial piauiense*. Geosul, Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 55-76, jul./dez. 2003.

AMADO, Janaína. *Região, sertão, nação*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 145-151, 1995.

AMADO, Janaína. *região, sertão, nação*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.08, n.15, p.145-151.

AMADO, Jorge. *Seara vermelha*. 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma, 2016.

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. de Eudoro de Souza. São Paulo: Editora UNB / Abril Cultural, 1984.

ARRAIS, E. A. *Do Maranhão à Bahia: cartografar e representar a urbanização dos Sertões das capitais do Norte*. Revista Territórios e Fronteiras. Cuiabá. v.10. n.02 p.413-429. ago/dez., 2017.

BRANDÃO, Tânia Maria Pires. *O escravo na formação social do Piauí: perspectiva histórica do século XVIII*. Teresina: EDUFPI, 1999.

BURITI, Catarina de Oliveira; AGUIAR, José Otávio. *Secas, migrações e representações do semi-árido na literatura regional: por uma história ambiental dos sertões do Nordeste brasileiro*. **Textos & Debates**, UFRR, n. 15, p. 7-31, 2008.

CASTELLO BRANCO, F. G. *Ataliba, o Vaqueiro*. 7ª ed. Teresina; Editora: Corisco, 2004.

CASTELO BRANCO, H. *Lira Sertaneja*. 7ª ed. Teresina: Comep, 1972.

COELHO, A. et al. *Retratos do sertão no vocabulário da obra essa terra, de Antônio Torres*. Revista Graduando, n. 2, p. 129-140, 2011.

CUNHA, Euclides. *Os sertões*. Edição especial. São Paulo: Martin Claret, 2016.

DA SILVA, Raimunda Celestina Mendes. *A representação da seca na narrativa piauiense: séculos XIX e XX*. Editora Caetés, 2005.

DAL MORO, Nataniél. *Apontamentos e reflexões sobre o sertão do Brasil colonial*. Revista Crítica Histórica. Ano V, nº 9, julho/2014 ISSN 2177 – 9961.

DE SOUSA, Valfrido Viana. piauí: apossamento, integração e desenvolvimento.

FALCI, M. B. *Mulheres do sertão nordestino*. Passagens de Paris. São Paulo. n.20. p.112-125. (2020.2)

FARGETTI, Cristina Martins; AZEVEDO MURAKAWA, Clotilde de Almeida; NADIN, Odair Luiz (orgs.). *Léxico e cultura*. Araraquara: Letraria, 2015.

FARGETTI, Cristina. et. al. *léxico e cultura* 1ª ed. Araraquara. Editora: lettraria. 1015.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 34. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.

GOMES, Antonio José; FONTINELES, Claudia Cristina da S.; NETO, MARCELO DE SOUSA. INSTRUÇÃO PÚBLICA NO PIAUÍ: *Ensaio de sua formalização* (Séculos XVIII e XIX). **Linguagens, Educação e Sociedade**, n. 14, p. 74-84, 2006.

MARTINS, Katiane Régis Pereira. *A identidade cultural em Ataliba, o Vaqueiro*. Revista GeTeC, v. 5, n. 10, 2016. A autora analisa a “forma particular de linguagem sertaneja” e “marcas regionais” na obra de Castelo Branco.

MELO, Neuza Brito de Arêa; MACHADO, Neli Teresinha Galarce. *Paisagem cultural e as fazendas do Piauí/Brasil – séculos XVII-XX*. *Estudo & Debate*, v. 28, n. 3, 2021.

MORAIS, M. L. *Lançamentos que encantam: as incelências e a religiosidade piauiense*. Anais do XXVI simpósio nacional de história - ANUH. São Paulo. Jul.2011. p.12.

MOTT, Luiz. *O negro no Piauí*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1986.

OLIVEIRA E SILVA, J. L. *Narrativas fabricantes da piauiensidade: imagens do sertão e do sertanejo na literatura piauiense*. Letras em revista. Teresina. v.10. n.02. p.229-241. Jun/dez. 2019. p.01-371

PINTO, J. P. A. *A viola caipira de Tião Carneiro*. Dissertação - Universidade Federal de Campinas - instituto de artes. Campinas, 2008

QUEIROZ, Rachel. *O Quinze*. 121ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2023.

RABELO, Elson de Assis. *Rumores da miséria, ecos da história: a emergência do estereótipo da pobreza piauiense nos anos 1950 e 1960*. Fênix: Revista de História e Estudos Culturais, Uberlândia, v. 6, n. 1, jan./mar. 2009.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cameron, 2021.

Revista Brasileira de Geografia Física v.06, n.05 (2013) 1463-1475.

RICOEUR, Paul. *Temps et récit Tempo e narrativa*. Trad. de Charles A. Kelbley e John B. Thompson. Paris: Seuil, 1984.

RODRIGUES, J. S. *Ataliba o vaqueiro: O herói piauiense nas páginas narrativas de Francisco Gil Castelo Branco*. Picos, 2015. p.10-33

RODRIGUES, Juliana Sousa. *Ataliba, o vaqueiro: o herói piauiense nas páginas narrativas de Francisco Gil Castelo Branco*. Picos: Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Coordenação do Curso de Letras, 2015.

SOBRINHO, Salomão. *Literatura Piauiense*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1977.

VICENTINI, Albertina. *Regionalismo literário e sentidos do sertão*. Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 187-196, jul./dez. 2007. DOI: 10.5216/sec.v10i2.3140.